



Universidade de Aveiro Departamento de Educação e Psicologia

2018

**INÊS LOPES
FRANCISCO**

**EDUCAÇÃO PARA OS VALORES E
DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE**

Um estudo na Educação Pré-Escolar



Universidade de Aveiro Departamento de Educação e Psicologia

2018

**INÊS LOPES
FRANCISCO**

EDUCAÇÃO PARA OS VALORES E DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE

Um estudo na Educação Pré-Escolar

Relatório de Estágio apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino no 1.º Ciclo do Ensino Básico, realizado sob a orientação científica da Doutora Cristina Manuela Sá, Professora Auxiliar do Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Aveiro

Dedicatória

Aos meus pais, à minha irmã e ao meu irmão pela coragem e apoio incondicional que me deram ao longo de todo o meu percurso académico.

O júri

Presidente

Professora Doutora Ana Alexandra Valente Rodrigues
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

Professora Doutora Ana Margarida Corujo Ferreira Lima Ramos
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

Professora Doutora Cristina Manuela Branco Fernandes de Sá
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

Agradecimentos

Com o fim desta etapa, que se revelou uma grande fase de crescimento profissional e sobretudo pessoal, não podia deixar de apresentar os meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas que me acompanharam e apoiaram nesta caminhada. A todos deixo aqui o meu maior reconhecimento:

À minha orientadora, Doutora Cristina Manuela Sá, pelas horas de dedicação a este trabalho, pela sua disponibilidade, incentivo, orientação e pelo seu exemplo de trabalho.

À professora cooperante, pelo acolhimento, pela confiança, por todos os conselhos e ensinamentos.

À educadora cooperante, responsável pela sala onde implementámos o nosso projeto, pela forma como nos recebeu, pelos conselhos, pela disponibilidade, apoio e confiança que demonstrou ao longo do estágio.

Aos “meus meninos”, o grupo de crianças com as quais realizei este projeto, pois foram a peça fundamental de todas as aprendizagens. Com eles cresci e aprendi muito, por isso estou-lhes muito grata.

À minha colega de estágio, Ana Mano, pela motivação, pelo companheirismo e também pelo apoio prestado ao longo deste ano.

Às minhas amigas de licenciatura da ESEC, pela força e coragem que me fizeram sentir.

Às minhas amigas e companheiras de mestrado da UA, pelo apoio, amizade, conselhos e coragem que me deram ao longo de todo este processo.

Às minhas amigas e amigos da vida, pela paciência e pela força que me deram ao longo de todo o meu percurso, por estarem lá sempre que preciso.

Por fim, mas não menos importante, agradeço aos meus pais. Eles são a minha fonte de inspiração. Obrigada por todo o esforço, pelos incentivos diários e por nunca me deixarem desistir.

Aos meus irmãos, Daniela e Hélder, que foram a minha força. Obrigada por terem orgulho em mim e me mostrarem com um simples olhar que sou capaz de tudo.

A todos o meu sincero e sentido Muito Obrigada!

Palavras-chave

Comunicação oral; Valores; Educação Pré-Escolar

Resumo

O presente estudo pretendia promover valores junto de crianças a frequentar a Educação Pré-Escolar e simultaneamente desenvolver nelas competências em comunicação oral.

Com a realização deste projeto, queríamos obter resposta para a seguinte questão de investigação: *Que efeito terá a reflexão sobre a importância que as relações com pessoas de outras gerações têm na nossa vida social no desenvolvimento de competências em comunicação oral em situações mais formais em crianças a frequentar a Educação Pré-Escolar?* Tínhamos ainda o seguinte objetivo de investigação: *Desenvolver competências em comunicação oral em situações mais formais em crianças a frequentar a Educação Pré-Escolar a partir da reflexão sobre a importância que as relações com pessoas de outras gerações têm na nossa vida social.*

Assim, concebemos e implementamos uma intervenção didática, incluindo cinco sessões, que incidiu sobre as relações entre crianças e adultos e implicou o envolvimento do público visado em atividades de compreensão e produção oral em situações mais formais.

Recorrendo a uma metodologia de investigação de índole qualitativa, baseada no estudo de caso, recolhemos dados relativos ao desempenho das crianças em atividades envolvendo a reflexão sobre relações entre elas e adultos e a compreensão e expressão/produção oral em situações mais formais.

A análise de conteúdo dos dados recolhidos revelou que essas crianças tinham efetivamente desenvolvido competências em comunicação oral em situações mais formais e se mostravam mais conscientes da importância de determinados valores para a praxis social.

Keywords

Oral communication; Values; Kindergarten.

Abstract

This study aimed to promote certain values among children attending a kindergarten (3-5 year old) and, at the same time, develop their competences in oral communication.

The project was supposed to help us find answers for one research question: *How can the reflection on the importance of relations among several generations in social life affect the competences in oral communication in more formal situations of children attending kindergarten?* The research objective was the following one: *To develop competences in oral communication in more formal situations in children attending kindergarten through the reflection on the importance of relations among several generations in social life.*

With this purpose, we conceived and applied a didactic intervention, including five sessions, focused on the relations between children and adults and involving our public in situations implying oral comprehension and oral expression in more formal situations.

Using a qualitative research methodology, based on case study, we collected data concerning the children's performance in situations involving the appreciation of relations between themselves and adults and also oral comprehension and expression in more formal situations.

The content analysis of these data revealed that these children had developed competences in oral communication in more formal situations and were more conscious of the importance of certain values in social praxis.

Mots-clés

Communication orale ; Valeurs ; École maternelle.

Résumé

Cette étude avait pour but de promouvoir certaines valeurs auprès d'enfants âgés entre 3 et 5 ans et de développer leurs compétences en communication orale.

Le projet était guidé par une question de recherche : *Quel effet peut avoir la réflexion sur l'importance que les rapports avec des personnes d'autres générations ont dans notre vie sociale sur le développement de compétences en communication orale dans des situations plus formelles d'enfants de classe maternelle ?* Il y avait aussi un objectif de recherche : *Développer des compétences en communication orale dans des situations plus formelles chez des enfants de classe maternelle à partir de la réflexion sur l'importance des rapports avec des personnes d'autres générations dans notre vie sociale.*

Par conséquent, on a mené à bout une intervention didactique, en cinq séances, axée sur les rapports entre les enfants et les adultes qui impliquaient la participation du public-cible dans des situations de compréhension et expression orale plus formelles.

En ayant recours à une méthodologie de recherche de nature qualitative, basée sur l'étude de cas, on a recueilli des données concernant la réflexion des enfants sur le rôle joué par les rapports avec des personnes d'autres générations dans notre vie sociale et leur performance dans des situations de communication orale plus formelles.

L'analyse de contenu de ces données a révélé que ces enfants avaient développé leurs compétences en communication orale dans des situations plus formelles et se montraient plus conscients de l'importance de certaines valeurs dans la praxis sociale.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	5
1. Problemática.....	6
2. Objetivos de investigação.....	7
3. Questões de investigação	7
4. Organização do relatório	7
 PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	9
 Capítulo 1 – Relações entre gerações	10
1.1. <i>Velhos e novos</i>	10
1.2. Valores envolvidos nas relações entre gerações.....	11
1.3. Abordagem das relações entre gerações na Educação Pré-Escolar.....	13
 Capítulo 2 – Desenvolvimento da oralidade	16
2.1. Sua natureza e características	16
2.2. Estratégias didáticas de desenvolvimento da oralidade	19
2.3. Sua abordagem na Educação Pré-Escolar	20
 PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO	23
 Capítulo 3 – Metodologia de investigação	24
3.1. Caracterização do estudo	24
3.2. A intervenção didática.....	25
3.2.1. Contextualização	25
3.2.2. Descrição da intervenção didática	27
3.2.2.1. Primeira sessão.....	27
3.2.2.2. Segunda sessão.....	28
3.2.2.3. Terceira sessão	28
3.2.2.4. Quarta sessão	29
3.2.2.5. Quinta sessão	30

Capítulo 4 – Análise dos dados e interpretação dos resultados	32
4.1. Primeira sessão.....	32
4.2. Segunda sessão.....	33
4.3. Terceira sessão	35
4.4. Quarta sessão	37
4.5. Quinta sessão	42
Capítulo 5 – Conclusões e sugestões.....	45
5.1. Conclusões.....	45
5.1.1. Relativas à promoção de valores.....	45
5.1.2. Relativas à comunicação oral	45
5.1.2.1. Compreensão	46
5.1.2.2. Produção.....	46
5.2. Reflexão	47
5.3. Sugestões.....	49
5.3.1. Relativas à promoção de valores.....	49
5.3.2. Relativas à comunicação oral	50
5.5. Sugestões para outros estudos	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	53
OUTRAS OBRAS CONSULTADAS	55
ANEXOS.....	57

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Observações das crianças sobre o álbum explorado (1ª sessão)	32
Quadro 2 – Observações das crianças sobre imagens acerca das relações com idosos (2ª sessão)	33
Quadro 3 – Enunciados das crianças no diálogo sobre comportamentos dos	35

idosos para com as crianças (3ª sessão)	
Quadro 4 – Comentários das crianças a imagens sobre comportamentos dos idosos para com crianças (3ª sessão)	36
Quadro 5 – Respostas das crianças às perguntas sobre o conto explorado e justificações (4ª sessão)	37
Quadro 6 – Contos recolhidos em casa e narrados pelas crianças e reações do público (4ª sessão)	39
Quadro 7 – Contos inventados e narrados pelas crianças e reações do público (4ª sessão)	41
Quadro 8 – Apresentação das pessoas mais velhas das famílias a partir de fotografias (5ª sessão)	42

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1 – Planificações das sessões da intervenção didática	58
Anexo 2 – Materiais das sessões	81
Anexo 3 – Fotografias das sessões	86

INTRODUÇÃO

1. Problemática

O nosso estudo tinha como propósito sensibilizar as crianças para a importância das suas relações com pessoas mais velhas e desenvolver competências em comunicação oral. Assim, demos-lhe o título *Educação para os valores e desenvolvimento da oralidade na Educação Pré-Escolar*.

Várias razões (pessoais e profissionais) levaram-nos a escolher abordar esta problemática.

Das razões pessoais destacamos a vontade de trabalhar a área curricular de Formação Pessoal e Social ligada às atitudes e valores, visto que esta, tal como descrito nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, é “considerada uma área transversal, porque, embora tenha uma intencionalidade e conteúdos próprios, se insere em todo o trabalho educativo realizado no jardim de infância, uma vez que tem a ver com a forma como as crianças se relacionam consigo próprias, com os outros e com o mundo, num processo de desenvolvimento de atitudes, valores e disposições que constituem as bases de uma aprendizagem bem sucedida ao longo da vida e de uma cidadania autónoma, consciente e solidária.” (Silva et al., 2016, p. 37). Podemos igualmente referir o facto de valorizarmos as relações entre indivíduos de gerações diferentes (pertencentes ou não à mesma família). Por último, referiremos o reconhecimento da necessidade de trabalhar a oralidade na Educação Pré-Escolar, pois esta é uma área pouco explorada e que é destacada nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, no domínio da *Linguagem Oral e Abordagem à Escrita* como sendo fundamental: “Sabe-se que a linguagem oral é central na comunicação com os outros, na aprendizagem e na exploração e desenvolvimento do pensamento, permitindo avanços cognitivos importantes” (Silva et al., 2016, p. 64).

Relativamente às razões profissionais, sublinhamos o interesse em abordar este tema com crianças, o aproveitamento das relações privilegiadas que mantêm atualmente com os avós e a importância de desenvolver competências em comunicação oral, nomeadamente em situações mais formais, no âmbito da Educação Pré-Escolar.

Pensamos também que esta temática não é muito abordada na Educação Pré-Escolar (tanto a exploração das relações entre gerações, como o desenvolvimento da oralidade) e

pretendíamos mostrar, com o nosso projeto, que é possível trabalhá-la através de recursos simples.

2. Objetivos de investigação

Para o nosso projeto, formulamos um objetivo de investigação: *Desenvolver competências em comunicação oral em situações mais formais em crianças a frequentar a Educação Pré-Escolar a partir da reflexão sobre a importância que as relações com pessoas de outras gerações têm na nossa vida social.*

3. Questões de investigação

Com este estudo pretendíamos ainda obter resposta para uma questão de investigação: *Que efeito terá a reflexão sobre a importância que as relações com pessoas de outras gerações têm na nossa vida social no desenvolvimento de competências em comunicação oral em situações mais formais em crianças a frequentar a Educação Pré-Escolar?*

4. Organização do relatório

O presente relatório encontra-se dividido em duas partes.

A primeira corresponde ao enquadramento teórico, em que fazemos uma revisão da literatura, que nos permitiu identificar alguns conceitos fundamentais e recolher informação relativa à problemática que abordamos. Assim, no Capítulo 1, debruçamo-nos sobre a importância da relação entre diferentes gerações (mais especificamente entre velhos e novos), os valores envolvidos nela e a sua abordagem na Educação Pré-Escolar. No Capítulo 2, focamo-nos na oralidade, contemplando aspetos como a sua natureza e características e ainda estratégias didáticas para o desenvolvimento de competências em comunicação oral na Educação Pré-Escolar.

A segunda parte, referente ao estudo empírico, encontra-se subdividida em três capítulos. No Capítulo 3, apresentamos a caracterização da metodologia de investigação adotada no nosso estudo e do contexto em que o mesmo foi desenvolvido e descrevemos as sessões da nossa intervenção didática. No Capítulo 4, expomos a análise dos dados

recolhidos e a interpretação dos resultados obtidos. No Capítulo 5, apresentamos as conclusões a que chegamos, algumas sugestões para outros profissionais da Educação Pré-Escolar que queiram abordar esta temática, uma reflexão sobre o seu contributo para a nossa evolução profissional, algumas limitações sentidas durante este percurso e ainda sugestões para outros estudos.

Por fim, apresentamos a bibliografia utilizada, assim como os anexos relacionados com o estudo.

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Capítulo 1 – Relações entre gerações

1.1. Velhos e novos

Antes de mais importa referir o porquê da utilização do termo de *velhos* ao longo deste capítulo. Ao substituir o termo *velho* por *idoso*, põe-se de parte o conceito de *velhice*, dando destaque à longevidade da vida (Lopes & Park, 2007). Assim, na fundamentação deste projeto, iremos usar o termo *velho*, pois este implica passado, vivências, experiências, aprendizagens, em suma, histórias.

Foi a partir da década de 80 que, de acordo com Dias (2002), surgiu grande parte dos trabalhos relacionados com a figura dos avós, porque é nesta altura que se dão grandes mudanças na sociedade e, conseqüentemente, nos estilos de vida: há um aumento da esperança média de vida, a mulher entra no mercado de trabalho, a qualidade de vida da população em geral melhora e há maior dispersão geográfica das famílias (o que se traduz no aumento da distância física entre avós e netos).

De facto, hoje em dia, é possível esperar que os netos tenham presentes nas suas vidas avós entre os 50/60 anos de idade, o que faz com que possam ser partilhadas histórias durante aproximadamente 20 anos. Da mesma forma, o aumento da esperança média de vida associado às melhorias das condições de vida possibilita uma melhor formação, tanto por parte dos avós como dos netos, aumentando o poder económico e a probabilidade de viver experiências diversificadas.

Por outro lado, com a entrada da mulher (neste caso, das mães) no mercado de trabalho, os avós são cada vez mais responsáveis pelos netos, desempenham cada vez mais um papel de cuidadores em relação a estes: por exemplo, levam-nos à escola e acompanham-nos nas suas atividades diárias. Mas também pode haver o lado negativo, porque há cada vez mais avós/avôs que ainda estão ativos no mercado de trabalho, o que faz com que não ocorra esta experiência.

Por fim, de acordo com Sousa (2017), o facto de as famílias procurarem melhores condições de vida, o que as leva a ir viver para os centros urbanos, conduz muitas vezes ao aumento da distância geográfica entre avós e netos, o que pode complicar a relação entre estas duas gerações.

Atualmente a imagem de avó/avô não é a mesma de há 30 anos. Nessa altura, os avós eram vistos como pessoas encurvadas, com a pele “gasta” (rugas), cabelos brancos, etc. Essa imagem tem vindo a mudar e, hoje em dia, os avós são vistos como pessoas ativas e disponíveis, são a história do passado. Também os *novos* já não têm os mesmos hábitos e interesses que tinham as crianças de há 30 anos.

O tempo mudou, a sociedade alterou-se e com eles mudaram alguns valores transmitidos e, consequentemente, as aprendizagens. As crianças e os seus avós estão muito mais informados e é necessário haver compreensão entre ambas as partes, para que seja possível criar uma relação positiva de transmissão de valores e conhecimentos.

1.2. Valores envolvidos nas relações entre gerações

A relação entre avós e netos é importante e benéfica para ambas as partes. Para os avós, os netos representam a continuidade de vida/da família e, para os netos, a relação com os avós facilita a compreensão da velhice e atenua o medo desse mesmo estado (Dias, 2002). Se os mais velhos estabelecerem uma relação positiva com os mais novos, há a possibilidade de ajudarem a desmistificar o medo associado à velhice pelas crianças. Desta forma, segundo Sousa (2017, para. 23), *“se as relações avós-netos são envoltas em carinho, compreensão e aprendizagem mútua permitem que avós e netos desenvolvam atitudes mais positivas em relação ao envelhecimento.”*

Além disso, a relação entre velhos e novos desempenha um papel importante no desenvolvimento emocional e social das crianças, assumindo-se como espaço de encontro entre gerações. Esta relação comporta aspetos sociais (história da sociedade e da comunidade), familiares (passagem pelas várias etapas da família) e individuais (experiências pessoais e autoconhecimento). Os *velhos* representam, assim, uma ligação direta ao passado, tanto da família, como da sociedade. São uma memória do passado, que pode ser partilhada, aumentando assim o conhecimento dos mais novos.

Na sociedade atual, as relações entre os adultos (entre os quais os *velhos*) e as crianças são – ou deveriam ser – também condicionadas pelos *Direitos da Criança*. A *Convenção Internacional sobre os Direitos das Crianças* (que também salvaguarda os adolescentes) – aprovada pela ONU em 1989 e ratificada por Portugal em 1990 – veio

sublinhar a sua importância na sociedade e precisar o papel que nela desempenham, caracterizando-as como seres sociais e participativos e reconhecendo-lhes direitos semelhantes aos adultos.

Segundo a UNICEF (1989), esse tratado assenta em quatro pilares fundamentais:

- *A não discriminação*, o que significa que todas as crianças têm direito a desenvolver o seu potencial;
- *O interesse superior da criança*, que se deve ter em conta, prioritariamente, em todas as ações ou decisões que lhe digam respeito;
- *A sobrevivência e desenvolvimento*, que implicam a garantia de acesso aos serviços básicos e à igualdade de oportunidades;
- *A opinião da criança*, cuja voz deve ser ouvida e respeitada.

Deste modo, como afirma Tomás (2014, p. 137) *“a criança não é mero recetor das influências a que está sujeita, é também um ator em contínuo desenvolvimento e com opinião própria e pontos de vistas e interpretações sobre si e sobre o mundo, que importa ter em consideração sempre que são abordadas questões que lhes digam respeito.”* Portanto, o adulto deve assegurar que os direitos das crianças são exercidos, tendo em vista o desenvolvimento de todas e cada uma delas, assim como compreender as ações destas, motivando-as para tomar parte ativa na *práxis* social.

De acordo com Javeau (citado por Tomás, 2014, p. 139), o indivíduo *“socializa-se ao mesmo tempo que é socializado, constrói-se a si próprio na medida em que é construído pelos outros”*. Por isso, é fundamental que existam relações afetivas – positivas e estimulantes – entre as várias gerações que coexistem num dado contexto social. Tal proporcionará às crianças a oportunidade de participar nas interações sociais, de forma a desenvolver os valores de respeito e compreensão mútuos, pois, como confirma Menezes (1999, p. 147, citando Fogelman), as competências sociais são importantes para *“reconhecer e aceitar as diferenças, estabelecer relações interpessoais positivas, resolver conflitos de forma não-violenta, assumir responsabilidades, participar nas decisões e compreender os mecanismos de protecção dos direitos humanos”*.

1.3. Abordagem das relações entre gerações na Educação Pré-Escolar

Relativamente à Educação Pré-Escolar, é na área de Formação Pessoal e Social – apresentada como transversal, nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Silva *et al.*, 2016) – que se aborda este tema.

Portugal e Laevers (2010, p. 37) chamam a atenção para o facto de que a Formação Pessoal e Social é crucial para o desenvolvimento das crianças, uma vez que este domínio se caracteriza pela *“forma como a criança se relaciona consigo própria, com os outros e com o mundo, num processo que implica o desenvolvimento de atitudes e valores, atravessando as áreas de expressão e comunicação, e de conhecimento do mundo”*.

É nas interações que as crianças estabelecem com os outros – neste caso, com os velhos – que constroem referências sobre si mesmas e aquilo que as rodeia.

De acordo com Kivnick (citado por Sousa, 2017, para. 35), os avós têm uma grande responsabilidade na vida dos netos, uma vez que as suas principais funções são: *“mimar, o que não é sinónimo de deseducar ou estragar os netos. Ou seja, não é contrariar os pais e deixar os netos fazer o que os pais não deixam, é aproveitar o tempo e a disponibilidade para realizar tarefas de que eles gostam; promover o desenvolvimento dos netos; funcionar como fonte de sabedoria, sendo um recurso importante para o neto; experimentar um sentimento de continuidade pessoal, sabendo que as recordações permanecerão e que a descendência dará continuidade à família; reviver experiências educativas anteriores, o prazer de reviver as experiências parentais anteriores através da relação com os netos.”*

Segundo a mesma autora (Sousa, 2017), os mais novos aprendem com as vivências e experiências dos mais velhos, que os ajudam a compreender valores, comportamentos, princípios e atitudes. Os avós assistem à evolução da família e apercebem-se de como as suas escolhas/opções educativas e afetivas do passado a podem condicionar. Desta forma, é esperado que as crianças, ao contactarem com diferentes gerações, desenvolvam a sua autoconfiança e mostrem respeito, afeto e compreensão para com os outros.

Recorrendo às novas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* e focando-nos nas relações entre gerações, é esperado que as crianças desenvolvam as seguintes aprendizagens na área de *Formação Pessoal e Social*:

“- Conhecer e aceitar as suas características pessoais e a sua identidade social e cultural, situando-as em relação às de outros;

- Reconhecer e valorizar os laços de pertença social e cultural;

- Cooperar com outros no processo de aprendizagem;

- Desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões, numa atitude de partilha e de responsabilidade social;

- Desenvolver uma atitude crítica e interventiva relativamente ao que se passa no mundo que a rodeia;

- Conhecer e valorizar manifestações do património natural e cultural, reconhecendo a necessidade da sua preservação.” (Silva et al., 2016, p. 44).

Destacamos também algumas metas de aprendizagem referentes às áreas de *Conhecimento do Mundo* e de *Formação Pessoal e Social* (Ministério da Educação, 2010), que podemos relacionar com esta problemática.

Na área de *Conhecimento do Mundo*, destacamos as metas de aprendizagem correspondentes ao domínio do *Conhecimento do ambiente natural e social* que preveem que, no final da Educação Pré-Escolar, a criança *“expressa um sentido de conhecimento de si mesma e de pertença a um lugar e a um tempo”* e *“identifica permanência e mudança nos processos de crescimento, associando-o a diferentes fases nos seres vivos, incluindo o ser humano (bebé, criança, adolescente, jovem, adulto, idoso)”*. (Ministério da Educação, 2010, p. 3).

No que diz respeito à área de *Formação Pessoal e Social* realçamos algumas metas de aprendizagem referentes a vários domínios (Ministério da Educação, 2010, pp. 12-15):

- No domínio da Identidade/autoestima, as metas Identifica as suas características individuais, manifestando um sentimento positivo de identidade e tendo consciência de algumas das suas capacidades e dificuldades e Reconhece laços de pertença a diferentes grupos (família, escola, comunidade entre outros) que constituem elementos da sua identidade cultural e social;

- No domínio da Independência/autonomia, a meta Manifesta as suas opiniões, preferências e apreciações críticas, indicando alguns critérios ou razões que as justificam;

- No domínio da *Cooperação*, as metas *Dá oportunidade aos outros de intervirem nas conversas e jogos e espera a sua vez para intervir e Avalia, apreciando criticamente, os seus comportamentos, ações e trabalhos e os dos colegas, dando e pedindo sugestões para melhorar;*

- No domínio da *Convivência democrática/cidadania*, as metas *Perante opiniões e perspetivas diferentes da sua, escuta, questiona e argumenta, procurando chegar a soluções ou conclusões negociadas e Manifesta respeito pelas necessidades, sentimentos, opiniões culturais e valores dos outros (crianças e adultos), esperando que respeitem os seus;*

- No domínio da *Solidariedade/respeito pela diferença*, as metas *Reconhece a diversidade de características e hábitos de outras pessoas e grupos, manifestando respeito por crianças e adultos, independentemente de diferenças físicas, de capacidades, de género, etnia, cultura, religião ou outras, Reconhece que as diferenças contribuem para o enriquecimento da vida em sociedade, identificando esses contributos em situações do quotidiano e Identifica no seu contexto social (grupo, comunidade) algumas formas de injustiça e discriminação, (por motivos de etnia, género, estatuto social, de incapacidade ou outras), propondo ou reconhecendo formas de as resolver ou minorar.*

Em suma, a Educação Pré-Escolar desempenha um papel fundamental na educação das crianças para os valores, que se aprendem e desenvolvem na interação com os outros. Assim, os adultos, *“ao demonstrarem atitudes de tolerância, cooperação, partilha, sensibilidade, respeito, justiça, etc., (...) contribuem para que as crianças reconheçam a importância desses valores e se apropriem deles”* (Silva et al., 2016, p. 37).

Na altura em que frequenta a Educação Pré-Escolar, a noção que a criança tem de si ainda está em construção, sendo por isso influenciada – positiva ou negativamente – pelo modo como os adultos a reconhecem. Por conseguinte, os mais velhos devem valorizar as crianças, respeitá-las, encorajá-las e estimulá-las nos seus progressos de aprendizagem fazendo com que estas se sintam integradas na comunidade e aceites por esta.

Capítulo 2 – Desenvolvimento da oralidade

Com o passar do tempo e através da investigação feitas por diversos autores, foi possível perceber que não existem sociedades humanas sem linguagem, pois é a partir da comunicação verbal que o ser humano se torna um ser social e relacional.

Apesar de a comunicação verbal também poder ser escrita (englobando uma vertente de compreensão associada à leitura e uma vertente de produção ligada à escrita), esta vertente não existe em todas as culturas humanas. Logo, a oralidade – associada à língua falada – reflete, de forma mais imediata, a identidade de uma dada cultura. Assim sendo, é notória a importância do desenvolvimento da oralidade desde os primeiros anos – inclusive nas sociedades que dispõem de língua escrita.

Sim-Sim, Silva e Nunes (2008, p. 11) chamam a atenção para o facto de que o grau de domínio da oralidade – de cada indivíduo em geral e de cada criança em particular – condiciona a capacidade de *“produzir todos os sons da língua ou de compreender e de fazer uso das regras gramaticais. É um processo complexo e fascinante em que a criança, através da interacção com os outros, (re)constrói, natural e intuitivamente, o sistema linguístico da comunidade onde está inserida.”*

Mas a oralidade vai para além da capacidade de produzir sons. Está também associada à capacidade de compreender o que ouvimos e de falarmos de uma forma compreensível, assim como ao conhecimento de todas as regras inerentes a esses atos.

Deste modo, importa conhecer a natureza e características da oralidade, estratégias didáticas a implementar com vista ao seu desenvolvimento e o papel preponderante que o adulto/educador tem neste processo de ensino e aprendizagem.

2.1. Sua natureza e características

A oralidade é um tema pouco trabalhado, porque, como afirma Sá (2017, p. 9), *“se considera que a sua aquisição e uso fluente é um dado adquirido quando a criança ingressa na Educação Pré-Escolar (que frequenta dos 3 aos 5 anos)”*.

Apesar de não ser tão privilegiada como a leitura e a escrita por parte dos educadores, deve ser tão trabalhada como estas. As *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Silva et al., 2016, p. 64) destacam o desenvolvimento da oralidade

como sendo central na comunicação com os outros, nas descobertas, nas aprendizagens e, conseqüentemente, no desenvolvimento do pensamento crítico, fazendo com que os avanços cognitivos sejam significativos.

Por isso, torna-se importante referir a sua natureza e características, evidenciando, primeiramente, as diferenças entre os conceitos de *linguagem* e *comunicação*.

Assim, *linguagem* é, de acordo com Sousa (2012, p. 6) “*uma forma de comunicação universal e, como consequência desta universalidade, encontra-se o facto de qualquer criança nascer capacitada para adquirir a língua natural da comunidade a que pertence, desde que esteja em contacto com a mesma*”.

Já a *comunicação (verbal)*, é, de acordo com Inês Sim-Sim (citada por Sousa, 2012, p. 5), “*o processo ativo de troca de informação que envolve a codificação (ou formulação), a transmissão e a decodificação (ou compreensão) de uma mensagem entre dois, ou mais, intervenientes*”. Logo, para que haja comunicação, é fundamental existir um emissor e um recetor. Assim, no caso da comunicação oral, é importante que a criança aprenda a saber ouvir e a ser ouvida.

A *comunicação oral* põe em ação *mecanismos*, presentes tanto na compreensão como na produção: *linguísticos*, de índole lexical e gramatical; *enciclopédicos*, ligados ao conhecimento do mundo, advindo das vivências pessoais e dos eventos contextualmente situados; *de organização textual*, associados ao recurso aos tipos/gêneros textuais adequados às situações interacionais e seus propósitos comunicativos (cf. Luna, 2016).

Por sua vez, a *compreensão oral* pressupõe diversas *etapas*, que determinam o processo de ensino-aprendizagem: “*a pré-escuta, que alerta para a temática do discurso, promovendo a evocação e ativação de conhecimentos prévios com ele relacionados e conduzindo à sua contextualização; a escuta, que permite um primeiro acesso ao sentido do texto oral; a pós-escuta, fundamental para a consolidação da construção do sentido do texto.*” (Sá, 2017, p. 3). Escutar requer concentração, pois, como afirma Luna (2016, p. 34), “*o ouvinte não ocupa um papel passivo, no evento comunicativo. Na realidade é um interactante que, mesmo em silêncio, ocupa também um papel ativo.*”

Da mesma forma, existem estratégias associadas à *compreensão oral* (cf. Sá, 2017):

- A *realização de previsões* (por exemplo, através de um diálogo sobre o desenrolar de uma história);
- A *apreensão das ideias do texto* (por exemplo, através de dramatizações ou diálogos);
- A *identificação das ideias principais do texto* (por exemplo, através de um reconto ou de desenhos);
- A *realização de inferências e monitorização da compreensão* (por exemplo, fazer previsões sobre o texto e procurar indícios para confirmação/infirmiação das mesmas).
- A *identificação da estrutura característica de um tipo/género textual* (por exemplo, a partir do preenchimento de um esquema em diálogo com as crianças).

Também é importante não descurar a *produção oral*, neste processo de desenvolvimento da oralidade, e ter em conta os *níveis* (Sá, 2017, p. 3): *fonético-fonológico* (ligado à entoação, no discurso oral e na leitura em voz alta, reforçando a expressividade e evidenciando determinados aspetos); *léxico-semântico* (que implica seleccionar vocabulário adequado tendo em conta o contexto da comunicação); *morfossintático* (relacionado com o uso da concordância na comunicação e o uso de conectores); por último, *textual* (ligado à coerência e à coesão na apresentação das ideias).

A *produção oral* admite ainda *operações*: de *planificação* (reflexão acerca do tema a trabalhar); de *textualização* (ligada à produção oral propriamente dita); de *revisão* (implicando a análise do que foi dito para eventual reformulação e melhoria, quando for possível fazê-lo).

Importa ainda referir que, para haver comunicação, são necessários dois ou mais intervenientes e é ainda preciso que exista um contexto e um tempo limitado.

Além disso, segundo Amor (1994), o desenvolvimento da oralidade depende:

- De *fatores psicológicos e socioculturais*, como a personalidade de cada criança, a idade, o género, comportamentos, hábitos e a capacidade de representar determinadas situações;
- Do *estádio de desenvolvimento linguístico*, que condiciona a adequação do discurso, a mudança de registo, a correção do discurso, etc.;

- Do *grau de alfabetização*, ligado ao nível de contacto com materiais de leitura e escrita;

- Do *tipo/género de discurso e registo visados*, cada um dos quais implica o uso de regras discursivas estabelecidas socialmente.

Em suma, é necessário trabalhar e aperfeiçoar as capacidades de comunicação oral de cada criança, sendo por isso fundamental criar espaços e situações com esse propósito, *“o que significa também o respeito e a atenção à palavra do outro: a aprendizagem da oralidade é, assim, a aprendizagem do social, por excelência.”* (Amor, 1994, p. 66).

2.2. Estratégias didáticas de desenvolvimento da oralidade

As estratégias didáticas de seguida apresentadas têm em vista o desenvolvimento da oralidade, em qualquer faixa etária.

Numa perspetiva de ensino-aprendizagem da oralidade, é crucial ter em atenção (Amor, 1994):

- A *distribuição do tempo de intervenção*, o que significa que todas as crianças devem ter o mesmo tempo de oportunidade de comunicação oral, tendo em conta as capacidades de cada uma;

- A *circulação intersubjetiva da comunicação*, tornando possível a participação de qualquer criança, alargando a comunicação;

- A *criação de contextos sugestivos e a formulação de problemas*, servindo de incentivo à comunicação sobre diferentes temas e alargando o domínio linguístico.

A oralidade carece de uma escuta atenta e ativa, por isso cabe ao educador preparar o ambiente, criar condições favoráveis, motivar para a participação na situação de comunicação oral e fornecer previamente informações necessárias, de forma a captar a atenção das crianças, para que estas tirem o máximo de proveito das atividades.

Para que seja possível promover o desenvolvimento da oralidade nas crianças, é necessário que os educadores, ao intervir neste domínio, descodifiquem “ideias feitas”, que bloqueiam a espontaneidade e a autenticidade, e promovam a criatividade, liberdade e prazer nas palavras. Mas também é importante trabalhar a comunicação oral em

situações mais formais, que apresentam várias condicionantes a que as crianças precisam de se acostumar.

Para além disso e de forma a levar as crianças a desenvolverem a oralidade, o desenvolvimento da comunicação oral, pode ser associado ao tratamento de temas variados ligados (Amor, 1994):

- Ao *património oral e da literatura oral tradicional*, através de jogos de linguagem, audição de poesia, recolha de textos populares (por exemplo, provérbios e adivinhas) e ainda a audição e o reconto de histórias;
- Ao *texto poético*, envolvendo a declamação, interpretação e recriação de textos poéticos, tendo em conta a sua dimensão fónica;
- Ao *jogo dramático*, associado à simulação de situações concretas.

Também é possível abordar didaticamente a oralidade através do recurso a diálogos, à imitação e à narração de histórias.

É ainda essencial referir exemplos de estratégias didáticas, que promovem o desenvolvimento dos mecanismos da oralidade (linguísticos, enciclopédicos e de organização textual): diálogo com as crianças sobre um determinado tema, identificação e caracterização de algo, diálogo sobre o conteúdo de um vídeo e exploração de livros-álbum (Sá, 2017).

Para além do já mencionado, o educador deve utilizar técnicas de comunicação como a exposição, a entrevista e o debate (Amor, 1994).

2.3. Sua abordagem na Educação Pré-Escolar

Sendo este projeto direcionado a crianças que frequentam a Educação Pré-Escolar, importa referir a abordagem do desenvolvimento da oralidade neste contexto.

Como já foi referido anteriormente, a oralidade é um processo contínuo, que depende de diversos aspetos, entre os quais o meio envolvente e a estimulação para a sua aprendizagem.

Ao ingressar na Educação Pré-Escolar, a criança traz consigo um leque de vocabulário e conceitos (bem ou mal formulados). Logo cabe ao educador criar situações que permitam trabalhar a compreensão e produção oral, nunca descurando o facto de que “a

compreensão precede sempre a produção (...) a criança compreende sempre mais do que espontaneamente produz” (Sim-Sim, Silva & Nunes, 2008, p. 24).

Como é referido nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, a linguagem oral “*é central na comunicação com os outros, na aprendizagem e na exploração e desenvolvimento do pensamento, permitindo avanços cognitivos importantes*” (Silva et al., 2016, p. 64). O grande objetivo da Educação Pré-Escolar, no que diz respeito à oralidade, é aumentar o domínio da linguagem, mas, para isso, é necessário que o adulto/educador crie um clima de comunicação e envolva as crianças em situações que as levem a comunicar oralmente, levando-as a interagir com os adultos, mas também umas com as outras.

Neste contexto, importa que o educador valorize todas as crianças e lhes dê a oportunidade de participarem em situações de comunicação oral, auxiliando-as no alargamento de vocabulário, como também é referido nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Silva et al., 2016, p. 65): “*O desenvolvimento da linguagem oral depende do interesse em comunicar, o que implica saber-se escutado e supõe também ter coisas interessantes para dizer.*”

Pressupõe-se que as crianças a frequentar a Educação Pré-Escolar compreendam mensagens orais em diversas situações de comunicação e usem a linguagem oral para comunicar eficazmente em função da situação e do contexto. Segundo Sim-Sim, Silva e Nunes (2008, p. 11), o adulto assume “*o papel de “andaime”, interpelando-a, clarificando as suas produções, expandindo os enunciados que a criança produziu e providenciando modelos que ela testa.*”

É importante não esquecer, também, que as crianças aprendem as regras linguísticas da sociedade onde estão inseridas, construindo o seu autoconhecimento. Assim, o educador deve estar atento ao desempenho de cada criança nos domínios fonológico, sintático, morfológico, semântico e pragmático.

Em conclusão, a Educação Pré-Escolar tem a responsabilidade de atenuar as diferenças socioculturais entre as crianças, fornecendo-lhes iguais oportunidades de aprendizagem através de um ambiente linguístico estimulante e diversificado, por forma a que estas sejam futuros cidadãos críticos, sociais e responsáveis.

PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO

Capítulo 3 – Metodologia de investigação

O capítulo que se segue pretende explicitar a metodologia adotada no nosso estudo, tendo em conta os objetivos formulados e as questões de investigação para as quais procurámos obter resposta.

Inclui também a caracterização do contexto em que decorreu a nossa intervenção didática, assim como a descrição das sessões dinamizadas e alguns comentários sobre a forma como decorreram.

3.1. Caracterização do estudo

Tendo em conta limitações de tempo e de meios e no sentido de responder às nossas questões de investigação e de cumprir os objetivos por nós formulados, recorreremos a uma metodologia do tipo qualitativo, adotando uma abordagem de estudo de caso, que, segundo Judith Bell (1997, p. 23), é especialmente indicada *“para investigadores isolados, dado que proporciona uma oportunidade para estudar, de uma forma mais ou menos aprofundada, um determinado aspeto de um problema em pouco tempo”*.

Conforme afirmam Nisbett e Watt (citados por André, 1984, p. 51), o estudo de caso deve ser entendido como *“uma investigação sistemática de uma instância específica. Essa instância pode ser um evento, uma pessoa, um grupo, uma escola, uma instituição, um programa, etc.”*

Por conseguinte, segundo André (1984, p. 52), o estudo de caso *“procura a descoberta; enfatiza a interpretação do contexto em questão; procura representar os diferentes pontos de vista de uma mesma situação; usa uma variedade de fontes de informação; procura retratar a realidade de uma forma concreta e profunda e é elaborado a partir de uma linguagem e forma acessível.”*

Da mesma forma, de acordo com Yin (citado por Campomar, 1991, p. 96), *“o estudo de casos é uma forma de se fazer pesquisa social empírica ao investigar-se um fenómeno atual dentro de seu contexto de vida-real, onde as fronteiras entre o fenómeno e o contexto não são claramente definidas e na situação em que múltiplas fontes de evidências são usadas.”* Logo, a partir da análise de dados provenientes de diversas fontes de evidência, tenta-se responder às questões de investigação formuladas.

Tal como afirmam Bogdan e Biklen (citados por Meirinhos & Osório, 2010, p. 50) “*os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em fenómenos descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico*”.

Pareceu-nos que esta metodologia de investigação era a que melhor se adequava às características do nosso estudo, uma vez que tencionávamos focar-nos num grupo específico de crianças, analisar o seu desempenho e implicação nas atividades propostas, bem como identificar os conhecimentos obtidos e as competências desenvolvidas ao longo da nossa intervenção didática, centrada na educação para os valores e no desenvolvimento de competências em comunicação oral em crianças a frequentar a Educação Pré-Escolar.

Os dados que analisamos foram recolhidos através da observação direta do grupo de crianças, que deu origem a notas de campo (registamos por escrito tudo o que as crianças diziam) e a registos fotográficos. Para além disso foram recolhidos os trabalhos por elas elaborados ao longo das sessões. Todos os dados recolhidos foram alvo de análise de conteúdo, que nos permitiu avaliar o sucesso das atividades propostas, assim como caracterizar e identificar as competências desenvolvidas pelas crianças no campo da oralidade e os valores subjacentes às suas atitudes.

3.2. A intervenção didática

3.2.1. Contextualização

A primeira parte da Prática Pedagógica Supervisionada decorreu num Centro Escolar pertencente ao concelho e distrito de Aveiro.

Foi desenvolvida no 1º Ciclo do Ensino Básico, com alunos de uma turma mista de 3º e 4º ano. Esta etapa foi crucial para a escolha do tema do projeto, pois foi a partir do contacto com estes alunos que nos apercebemos das lacunas que ainda apresentavam na comunicação oral, nomeadamente no que dizia respeito às apresentações orais e à exposição de opiniões.

Desta forma e como este projeto ia ser implementado com crianças a frequentar a *Educação Pré-Escolar*, pensamos que talvez se fossem desenvolvidas e trabalhadas capacidades de oralidade precocemente as lacunas observadas em alunos a frequentar os

anos terminais do 1º Ciclo do Ensino Básico poderiam não vir a existir ou, pelo menos, surgirem de forma mais atenuada.

Para além disso, no primeiro contexto, foi possível observar o impacto afetivo que os avós/pessoas mais velhas tinham na vida daqueles alunos.

A segunda parte da Prática Pedagógica Supervisionada, em que se desenvolveu a intervenção didática preparada e planeada no âmbito de Seminário de Investigação Educacional, decorreu numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) situada em Aveiro, que disponibiliza as valências de Creche e Educação Pré-Escolar.

Tem uma ótima localização, destacando-se os recursos paisagísticos envolventes e todo o leque de ofertas educativas, culturais e de lazer disponibilizadas pela cidade de Aveiro.

O grupo que acompanhámos era constituído por 21 crianças, com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos de idade, sendo 7 do sexo feminino e as restantes do sexo masculino. Eram diariamente acompanhadas pela educadora e duas auxiliares.

Era um grupo multicultural, dado fazerem parte dele crianças provenientes de países com diversas culturas: Portugal, Cabo-Verde, Angola, Brasil e Etiópia.

Apesar da heterogeneidade do grupo, a relação entre as crianças que o constituíam era muito harmoniosa. Eram curiosas, compreensivas e apresentavam um espírito de interajuda muito vincado, que se refletia no respeito e amizade que tinham umas pelas outras.

A rotina pedagógica diária destas crianças estava organizada em sete momentos: o acolhimento, a atividade da manhã, um momento de brincadeira livre, o almoço, a atividade da tarde, um segundo momento de brincadeira livre e o lanche.

A sala de atividades incluía diversas áreas: a *casinha*, com materiais e roupas específicas a serem utilizadas nesse espaço; o *cantinho da leitura*, dispondo de uma estante com livros e um pequeno sofá; a *manta*, utilizada para momentos em grande grupo; mesas de trabalho; estantes com jogos diversos; uma zona de higiene. Ao longo do dia, tanto a educadora como as auxiliares ocupavam espaços diferentes na sala e posicionavam-se sempre de forma a conseguirem observar todas as crianças.

As famílias das crianças pertenciam a um nível socioeconómico elevado. A maioria dos pais tinha estudos superiores e trabalhava nas áreas de engenharia e da investigação (alguns como bolseiros). As crianças estavam inscritas em atividades extracurriculares como natação, música, dança, inglês e teatro, o que contribuía para alargar os seus interesses.

O conhecimento prévio do contexto educativo teve um papel fundamental no desenvolvimento do nosso projeto, pois só assim foi possível planificar atividades, tendo em conta o grupo de crianças em causa, e agir refletir, tendo em vista um processo de ensino e aprendizagem adequado à sua realidade.

3.2.2. Descrição da intervenção didática

Nesta intervenção didática, organizada em cinco sessões, procurámos desenvolver nas crianças competências de comunicação oral aliadas a uma educação para os valores. As sessões decorreram no ano letivo de 2017/2018.

Em anexo, apresentamos as respetivas planificações (cf. Anexo 1), os materiais didáticos utilizados (cf. Anexo 2) e registos fotográficos feitos durante a nossa intervenção didática (cf. Anexo 3).

3.2.2.1. Primeira sessão

Começou com a exploração do álbum infantojuvenil *A Manta – uma história aos quadrinhos (de tecido)*, de Isabel Martins.

Numa primeira fase de exploração (*pré-leitura*), ocorreu um diálogo, em grande grupo, a partir de fotografias dos avós das educadoras estagiárias.

De seguida, na segunda fase de exploração do álbum (*leitura*), procedemos à leitura em voz alta do álbum a explorar.

Por fim, na terceira fase de exploração (*pós-leitura*), recorremos a uma atividade de verdadeiro ou falso para levar as crianças a fazer o reconto da narrativa. Esta fase ocorreu em forma de diálogo em grande grupo, em que as crianças partilhavam as suas respostas oralmente.

Posteriormente, dialogámos com as crianças sobre a manta da avó da história e sugerimos que, tal como no álbum explorado, construíssemos uma *Manta das recordações*,

em que cada retalho representasse o “aprendido” na sessão correspondente, constituindo um repositório de histórias vividas (neste caso, pelo grupo de crianças).

Por conseguinte, encerrámos esta primeira sessão construindo o primeiro “retalho” da *Manta das Recordações*. Cada criança fez um desenho, num pedaço de tecido, representando os seus avós.

Esta primeira sessão decorreu como planificado e as crianças participaram ativamente nas atividades.

3.2.2.2. Segunda sessão

Nesta sessão, abordámos as atitudes das crianças para com as pessoas mais velhas.

Encetamos um diálogo em grande grupo sobre este tópico, com o propósito de perceber quais as suas conceções referentes a esta temática. Foi orientado por algumas questões, tais como: *As crianças devem ter alguns cuidados “especiais” com as pessoas mais velhas? Quais? Porquê? Já viveram alguma situação de respeito ou desrespeito para com pessoas mais velhas? Qual?*

De seguida, novamente em grande grupo, jogámos ao *Certo ou Errado*. Este jogo consistia em mostrar imagens alusivas a situações de interação entre crianças e idosos das quais algumas documentavam situações corretas e outras situações incorretas. As crianças visualizavam cada imagem apresentada, diziam se retratava uma situação *certa* ou *errada* e justificavam a sua resposta oralmente.

No final da sessão as crianças elaboraram mais um “retalho” da *Manta das Recordações*: através do desenho/pintura, retratando uma atitude correta de crianças para com idosos.

A segunda sessão decorreu bem: conseguimos cumprir as atividades propostas. No entanto, tivemos de dedicar mais tempo do que o inicialmente previsto ao jogo *Certo ou Errado*, para todas as crianças terem a oportunidade de partilhar as suas opiniões. Porém, isso foi um ponto positivo (sinal de que todas queriam participar).

3.2.2.3. Terceira sessão

Teve como tema as atitudes dos idosos/pessoas mais velhas para com as crianças.

Demos início à sessão com um diálogo, em grande grupo, orientado por algumas

questões, tais como: *Os idosos devem ter algum cuidado na forma como tratam as crianças? Que comportamentos devem ter os idosos para com as crianças?*

Depois pedimos-lhes que narrassem episódios por elas vividos, em que tivessem experienciado ou observado atitudes erradas de adultos/idosos para com crianças. Responderam-nos que nunca tinham passado por nenhuma situação desse género.

De seguida, mostrámos-lhes imagens que retratavam comportamentos de idosos para com as crianças e pedimos-lhes que dissessem se se tratava de uma situação certa ou errada e justificassem as suas respostas. De cada vez que fosse apresentada uma imagem, responderia apenas uma criança e as restantes poderiam questionar quem tinha respondido, caso achassem pertinente fazê-lo. Com esta atividade, pretendíamos perceber as suas conceções sobre esta temática. Apercebemo-nos de que tinham dificuldade em compreender que os adultos/idosos podem ter comportamentos errados para com as crianças.

Posteriormente e dando continuidade à *Manta das Recordações*, as crianças, em grupos, construíram três bonecos (que representavam um idoso, um menino e uma menina), usando diversos materiais (tecidos, marcadores, cartolinas, lã, etc.).

Apesar de a terceira sessão ter sido implementada com bastante sucesso, no seu decurso apercebemo-nos de que as crianças tinham dificuldade em se pôr no lugar de outra pessoa – neste caso, de alguém mais velho – o que se revelou uma dificuldade na perceção de comportamentos errados de adultos para com as crianças. Mesmo assim, foi possível perceber que conceções tinham sobre esta temática.

3.2.2.4. Quarta sessão

Esta sessão foi dividida em duas partes: exploração de um conto maravilhoso e narração de contos pelas crianças.

Começámos por explorar o conto maravilhoso *O pequeno polegar*.

Na fase de *pré-leitura*, referimos o nome do conto e perguntámos às crianças se o conheciam. Posteriormente, levamo-las a formular hipóteses sobre a personagem principal e as aventuras que esta ia viver através de perguntas que íamos formulando.

Na segunda fase (*leitura*), lemos o conto em voz alta e parámos em momentos-chave, para questionar as crianças em relação às atitudes das personagens.

Na fase de *pós-leitura*, as crianças criaram fantoches alusivos às personagens do conto de que mais tinham gostado: desenharam, coloriram, recortaram e colaram. Depois, em grupos, dramatizaram o conto. Com esta atividade de dramatização, pretendíamos que fizessem o reconto da história, de forma a percebermos se tinham compreendido o conto lido.

Para terminar, dialogámos em grande grupo sobre os comportamentos (certos e errados) das personagens do conto umas para com as outras.

Nesta primeira parte da sessão, foi-lhes ainda pedido para pensarem com os pais em contos em que pessoas mais velhas maltratassem crianças para narrarem às outras crianças e aos adultos da sala.

Na segunda parte da sessão (passados dois dias), as crianças apresentaram aos colegas os contos que os pais lhes tinham narrado. À vez, cada criança foi ao centro e apresentou o conto aprendido em casa. As restantes ouviram e, no final, comentaram a apresentação do/da colega, focando-se nos comportamentos das personagens.

Para terminar, individualmente, numa folha, fizeram um desenho representando o que era para elas uma relação ideal entre uma criança e um idoso. Estes desenhos foram integrados na *Manta das Recordações*.

A primeira parte desta quarta sessão correu de acordo com o planeado: as crianças compreenderam o conto explorado e participaram na atividade. Na segunda parte, sentimos mais dificuldade, pois, apesar de adesão dos pais à atividade proposta ter sido muito boa e de as crianças terem trazido de casa contos para narrar, tiveram alguma dificuldade em narrá-los e nós, consequentemente, também. Foi difícil controlar o tempo de exposição oral de cada criança e, em alguns momentos, motivar a criança a desenvolver a sua narração.

3.2.2.5. Quinta sessão

Na última sessão, as crianças trouxeram de casa fotografias das pessoas mais velhas da família (previamente pedidas aos pais) e apresentaram-nas aos colegas. À vez, cada criança foi ao centro, mostrou a(s) fotografia(s) e apresentou-a(s), baseando-se nas questões: *Quem é? Como se chama? Como é? Que relação tens com essa pessoa? O que*

costumas fazer com ela? O que mais gostas de fazer com essa pessoa? Após cada apresentação, as restantes crianças faziam comentários.

De seguida, terminámos a construção da *Manta das Recordações*. As crianças uniram os “retalhos” elaborados ao longo das sessões desta intervenção didática, recorrendo a cordões para “coser” a manta. Por fim, todas escreveram o seu nome num pedaço da manta, assumindo-se como autoras da *Manta das Recordações*.

Para terminar fizemos um balanço do projeto, analisando e comentando os retalhos da manta por elas construída, focando-nos nas aprendizagens que tinham feito em cada sessão.

Nesta última sessão, tivemos mais uma vez uma boa adesão por parte dos pais na recolha de fotografias das pessoas mais velhas da família. Foi notório que as crianças gostaram de apresentar os seus familiares aos restantes colegas. A parte da *Manta das Recordações* teve um ótimo impacto nas crianças, pois através dela recordaram as sessões anteriores, o que aprenderam e fizeram. Além disso, passaram bastante tempo a admirar da mesma: todos queriam ver e tocar na *Manta*).

Capítulo 4 – Análise dos dados e interpretação dos resultados

Para avaliar o sucesso da nossa intervenção didática, recolhemos dados ao longo das cinco sessões de implementação do projeto, que posteriormente foram analisados. Estes correspondem a registos escritos referentes a enunciados produzidos oralmente pelas crianças.

A análise seguidamente apresentada está organizada por sessões, uma vez que, em cada uma e com os mesmos dados, analisámos competências de comunicação oral, assim como aprendizagens associadas à formação pessoal e social das crianças.

4.1. Primeira sessão

Na primeira sessão, recolhemos apenas dados relativos à oralidade.

No Quadro 1, apresentamos os resultados da análise das observações das crianças relativas a afirmações sobre o álbum explorado na primeira sessão e respetivas justificações.

Afirmações	Criança	Observações das crianças	Justificação
(Apresentação de fotografias dos avós da estagiária) "Quem serão estas pessoas?"	C13	"Só podem ser os avós."	"Porque são velhos."
"A avó era uma mulher pequenina e muito magra."	C9	"Verdade! Era pequena."	"Porque na cama cabia muita gente."
"A manta era feita de retalhos."	C1	"Verdade. Era feita de pedaços de histórias."	"Cada pedaço de tecido era uma história."
"O que representava cada retalho?"	C3	"Cada pedaço da manta representava uma história."	
"A manta fica sempre em casa da mesma tia."	C12	"Verdade! A manta estava sempre em casa da mesma tia."	
	C1	"A manta não estava sempre na mesma casa."	"Porque passava um dia em casa de cada pessoa/família."

Quadro 1 – Observações das crianças sobre o álbum explorado (1ª sessão)

De uma forma geral, as crianças compreenderam muito bem a história que tinham ouvido ler. Aprenderam as ideias principais da história, sendo assim capazes de reconhecer de imediato se as afirmações apresentadas pela educadora estagiária eram verdadeiras ou falsas. No entanto, houve uma resposta incorreta, que ocorreu devido a

falta de atenção da criança (C12): esta estava pouco implicada na atividade e, quando lhe pediram a sua opinião sobre uma afirmação apresentada, limitou-se a concordar com esta sem sequer pensar.

Relativamente à comunicação oral, é de referir que as crianças foram capazes de justificar as suas respostas de forma clara, baseando-se nas suas vivências, experiências e conhecimentos, ativando assim mecanismos de natureza enciclopédica.

4.2. Segunda sessão

Na segunda sessão, recolhemos dados relativos à oralidade e à formação pessoal e social.

No Quadro 2, apresentamos os resultados da análise dos enunciados/comentários das crianças relativos a imagens apresentadas (referentes a comportamentos de crianças para com idosos).

Tema da imagem apresentada	Criança	Resposta dada	Justificação	Observações
Criança ajuda idoso a atravessar a estrada	C5	Errado	Não apresentou	Após a resposta do C2, o C5 concordou que a imagem descrevia uma atitude correta de uma criança para com um idoso.
	C2	Certo	<i>“O neto está a ajudar a avó a caminhar.”</i>	
Criança a gritar com um idoso	C18	Errada	<i>“O menino está a refilar com a avó e isso não se deve fazer, porque não é nada feliz.”</i>	A criança identificou o comportamento errado e justificou de acordo com valores promovidos no âmbito do projeto.
Criança a brincar com um idoso	C10	Certo	<i>“Está a dar mais cinco ao avô e a brincar com ele.”</i>	A criança não apresentou uma justificação, apenas descreveu a imagem.
Criança lê para um idoso	C14	Certo	<i>“Porque o menino não está a berrar.”</i>	Para a mesma imagem houve

	C3	Certo	<i>“Está a contar histórias à avó.”</i>	duas justificações diferentes. No entanto apenas a justificação de C3 pode ser considerada certa.
Idosos em pé, num autocarro, e crianças/jovens sentados	C1	Certo	<i>“Está tudo bem.”</i>	Para a mesma imagem, foram apresentadas três justificações. Após observar melhor, C1 chegou à conclusão de que tinha respondido mal da primeira vez. C8 apenas descreveu a imagem e C4 corrigiu a afirmação da colega.
	C1	Errado	<i>“Afinal os velhos deviam ir sentados e os mais novos em pé.”</i>	
	C8	Errado	<i>“Os velhos estão em pé e os novos sentados.”</i>	
	C4	Errado	<i>“Os velhos estão em pé e os mais novos sentados. Os mais novos deviam perguntar “Querem sentar?”</i>	
Criança ajuda idosa a transportar as compras	C2	Certo	<i>“Porque está a ajudar a avó.”</i>	Ao descrever a imagem, encontraram justificação para classificarem a situação como correta.
	C3	Certo	<i>“Está a ajudar a levar as compras.”</i>	
	C14	Certo	<i>“O menino está a ajudar a levar as compras da avó.”</i>	
Idoso sozinho em casa	C20	Certo	<i>“O velho está a ler um livro.”</i>	C20 e C11 apenas descreveram a imagem. C1, C2 e C16 apresentaram justificações válidas. C1 justificou com um exemplo da sua vida.
	C11	Errado	<i>“O velho está a comer chupas e a olhar para a cadeira.”</i>	
	C1	Errado	<i>“Às vezes a minha avó quer companhia e eu faço. Por isso, a imagem está errada. O senhor está sozinho.”</i>	
	C16	Errado	<i>“Devemos tomar conta dos senhores mais velhos.”</i>	
	C2	Errado	<i>“Devemos fazer companhia aos avós.”</i>	

Quadro 2 – Observações das crianças sobre imagens acerca das relações com idosos (2ª sessão)

No que diz respeito à formação pessoal e social, é notório que as crianças conseguiram mobilizar nestas atividades valores como respeito, cooperação e

generosidade. No entanto, na atividade *Certo ou Errado*, algumas crianças só se aperceberam do que estava errado após a justificação dada por algum colega, ou seja, a criança sabia que valor estava associado à imagem, mas não foi capaz de expressar as suas ideias.

Relativamente à comunicação oral, apenas C18 teve uma falha de natureza linguística, ao utilizar a palavra “feliz” para expressar a ideia de certo/correto.

De uma forma geral, todas as crianças utilizaram adequadamente conhecimentos de natureza enciclopédica, pois basearam as justificações dadas nas suas experiências de vida, tendo por base o contexto em que estavam inseridas.

Na produção oral, as crianças apresentavam um nível léxico-semântico adequado à situação. No entanto, o seu vocabulário era um tanto limitado, pouco diversificado. Por outro lado, o nível morfosintático estava pouco desenvolvido em todas as crianças: não eram capazes de utilizar conectores na expressão/produção oral.

4.3. Terceira sessão

Nesta sessão, recolhemos dados relativos à oralidade e à formação pessoal e social.

No Quadro 3, apresentamos enunciados produzidos pelas crianças, num diálogo inicial, cujo tema era os comportamentos dos idosos para com as crianças.

Questões orientadoras	Comentários das crianças
Q1 – <i>Os idosos devem ter algum cuidado na forma como tratam as crianças?</i>	C3 – <i>“O C1 disse que não gostava de velhos, mas ele não tem razão em não gostar, porque são os pais, os avós e os vizinhos dele.”</i>
Q2 – <i>Que comportamentos devem ter os idosos para com as crianças?</i>	C1 – <i>“Quando vamos no autocarro, os mais novos têm de perguntar aos mais velhos se se querem sentar.”</i>
Q3 – <i>Como devem os mais velhos tratar as crianças?</i>	C5 – <i>“Nunca vi uma pessoa adulto a fazer mal a uma nova.”</i>
	C1, C9, C10 – <i>“Tratar bem, ensinar e respeitar.”</i>

Quadro 3 – Enunciados das crianças no diálogo sobre comportamentos dos idosos para com as crianças (3ª sessão)

Durante a participação neste diálogo, as crianças não evocaram nenhum episódio que as tivesse marcado relativamente aos comportamentos dos adultos/velhos para com as crianças. No entanto, assim que foram mostradas imagens, perceberam que há situações

que denotam comportamentos corretos ou incorretos da parte dos adultos para com elas e que, afinal, já tinham presenciado algumas.

No Quadro 4, apresentamos dados correspondentes a enunciados/comentários produzidos pelas crianças referentes a imagens que retratavam situações corretas e incorretas de comportamentos de crianças para com idosos/pessoas mais velhas.

Tema da imagem apresentada	Comentários à imagem pelas crianças
Idosos a dar beijinhos e abraços a uma criança	C10 – “O menino está a dar abraços à avó e ela está a dar beijinhos ao menino.”
Crianças a trabalhar (trabalho infantil)	C1 – “As crianças estão a ajudar-se umas às outras.” C3 – “Mas assim deixam de ser pessoas livres.” C11 – “Assim as crianças não vão para a escola brincar.” C1 – “As crianças estão a portar-se bem, mas obrigar alguém a fazer alguma coisa é feio. Quem obriga também devia fazer.” C10 – “Mas se estão a ajudar, também está certo.”
Idoso brinca com criança no jardim	C4 – “É uma atitude certa, porque o avô está a ajudar o menino.” C3 – “O avô está a jogar/brincar com o menino.”
Idosa ajuda criança a fazer os trabalhos da escola (idosa ensina uma criança)	C4 – “O menino está a desenhar e a avó a contar uma história. A avó está a ensinar o neto.”
Adulto grita/ralha com criança	C9 – “Se calhar está errado, porque o menino está a tapar os ouvidos.” C1 – “Muito mau, porque o menino está a tapar os ouvidos e o adulto quer dizer alguma coisa ao neto e ele não está a ouvir.” C3 – “Está a fazer fita e o pai está a ralar. Logo é errado, porque a criança não está a respeitar o pai. Mas se o pai estiver a ralar sem motivo, é diferente.”
Adulto a bater numa criança	C3 – “Ele está a dar palmadas, mas, se se portou bem, o menino não merecia. O adulto bateu sem motivo.” C7 – “A minha mãe bateu em mim e eu nela e eu não peço desculpa.” C10 – “Mas isso está errado, porque a mãe estava a bater ao C7 e o C7 também bateu.” C11 – “Eu porto-me bem e a minha mãe dá-me uma bolacha de chocolate.”
Criança abandonada/sozinha	C13 – “A criança está a passear num túnel.” C3 – “Ela fugiu dos pais.” C1 – “Ela portou-se mal e ficou sozinha, mas isso é errado.” C9 – “Está muito errado, porque a menina está sozinha.” C4 – “Muito mal, porque deixaram a menina sozinha e podem apanhá-la. Os adultos devem

	<i>pedir desculpa e tratar dela e dar leitinho e um beijinho.”</i>
--	--

Quadro 4 – Comentários das crianças a imagens sobre comportamentos dos idosos para com crianças (3ª sessão)

No que diz respeito à comunicação oral, as crianças utilizaram mecanismos linguísticos básicos e pouco diversificados: repetiram muito as mesmas palavras e as frases construídas eram simples e curtas. O mesmo não aconteceu relativamente ao recurso a mecanismos enciclopédicos: usaram muitos exemplos das suas vidas para comentar as imagens que lhes foram apresentadas e justificar a forma como as interpretavam.

Relativamente à produção oral, a nível fonético-fonológico apresentavam dificuldades: não articulavam bem, não eram expressivas e não davam a devida entoação ao seu discurso.

No que concerne à formação pessoal e social, constatámos que, ao participar nestas atividades, tomaram consciência de valores pelos quais se deviam pautar os comportamentos dos adultos para com as crianças, tais como: respeito, carinho, compreensão e proteção (cuidado para com os outros).

4.4. Quarta sessão

Nesta sessão, recolhemos dados relativos à oralidade e à formação pessoal e social.

No Quadro 5, apresentamos respostas dadas pelas crianças a perguntas sobre um conto maravilhoso explorado com elas e respetivas justificações.

Questões	Respostas das crianças	Justificações
Q1 – <i>Quem será a personagem principal?</i>	C9 – <i>“O polegar. Mas isso é um dedo!”</i>	Não apresentou.
Q2 – <i>O que pretendia o pai das crianças?</i>	C1 – <i>“O pai das crianças queria levar os filhos para perdê-los.”</i> C13 – <i>“O que o lenhador fez foi errado!”</i>	C1 – <i>“O pai queria abandonar os filhos, porque não tinha dinheiro, mas o pequeno polegar meteu migalhas (como na história que os meninos ficam com a bruxa no bosque) e conseguiram voltar para casa.”</i>
Q3 – <i>Qual das personagens teve um pior comportamento?</i>	C9 – <i>“O Ogre é a pior personagem.”</i> C1 – <i>“Mas o lenhador também foi mau.”</i> C2 – <i>“Eu concordo, mas a mãe queria que os filhos</i>	C2 – <i>“A mãe queria proteger os filhos, por isso era boa!”</i>

	<i>ficassem.”</i>	
Q4 – <i>Porque é que o pai abandonou os filhos?</i>	C4 – <i>“O pai foi com eles ao bosque e perdeu-os, porque queria. Isso é mesmo mau!”</i> C2 – <i>“Ele abandonou-os, porque não gostava deles.”</i>	C1 – <i>“Isso é mentira! Ele abandonou-os, porque tinham fome.”</i>
Q5 – <i>O que podemos dizer sobre esta história? Tem bons ou maus comportamentos?</i>	C12 – <i>“Esta história é má, porque os pais abandonaram os filhos. Fizeram muito mal.”</i>	Não apresentou.

Quadro 5 – Respostas das crianças às perguntas sobre o conto explorado e justificações (4ª sessão)

Ao nível da comunicação oral, os mecanismos linguísticos foram bem utilizados. No entanto, eram pouco diversificados: as crianças repetiam as mesmas palavras muitas vezes, apesar de gramaticalmente comunicarem bem. Foi notório o uso feito de mecanismos enciclopédicos, pois todas as suas respostas tiveram por base os seus conhecimentos e vivências.

Relativamente à compreensão oral, foram capazes de identificar as ideias principais do conto ao responderem a algumas questões colocadas. Porém, houve uma pequena dificuldade na apreensão das ideias do texto, talvez por retratar uma situação que, para elas era “estranha”: um pai abandonar um filho.

Na produção oral, registaram-se algumas falhas. De um modo geral, as crianças eram pouco expressivas e não davam a devida entoação ao seu discurso. O vocabulário utilizado era limitado: basicamente retomaram o vocabulário usado no conto explorado. As ideias apresentadas eram pouco elaboradas, tinham tendência para produzir frases muito simples e, por conseguinte, usaram pouco os conectores.

Ao longo da atividade, foi perceptível que as suas reações às perguntas formuladas tinham em conta os valores promovidos pelo projeto. Por exemplo, quando uma criança disse *“Esta história é má, porque os pais abandonaram os filhos. Fizeram muito mal.”*, na sua afirmação estão implícitos valores que estão a ser desrespeitados no conto: responsabilidade, proteção, respeito, etc.

O Quadro 6 apresenta dados relativos à produção e compreensão oral recolhidos a partir das apresentações de contos trazidos de casa que faziam alusão a comportamentos de adultos e de crianças.

Crianças	Produção oral Apresentação de contos recolhidos em casa	Observações relativas à produção oral	Compreensão oral Comentários às narrações feitas por outras crianças
C10	<u>O rato Renato</u> “Os meninos estavam a pintar, a fazer uma casa. A professora disse que estava a acabar. O menino estava a arrumar as coisas, mas não arrumou tudo e a professora ficou chateada. Quem desarrumou foi o rato Renato e disse que não foi ele. Ele mentiu à mãe e ela ficou triste. E o Renato foi arrumar tudo (até o quarto da irmã).”	Fala muito baixo Articula mal Foca-se nas ações da história (descreve a partir das ilustrações do livro)	C1 – “É uma história mais ou menos. No fim ele ajudou, mas, no início, mentiu. Teve um comportamento bom e um mau.”
C15	<u>Pedro comeu muitos doces</u> “A avó fez doces ao neto e ele comeu muitos e ficou com dores de barriga. E, na hora do almoço, não quis legumes. Doía a barriga e a mamã deu maminhos.”	Bloqueia Fala muito baixo Articula mal	C14 – “É errado, porque ele não comeu legumes e comeu doces.” C1 – “Menos boa. Foi mau e bom. Mau, porque não comeu os legumes, e bom, porque, quando foi à festa, não comeu doces.” C13 – “Comeu o bolo de chocolate.”
C4	<u>A Cinderela das bonecas</u> “A avó Nené estava numa casa pequenina, com flores. A avó fazia bolos de coco, brigadeiro, etc., e rebuçados para os meninos. A avó ensinou a Mariana a saltar à corda e contava histórias baralhadas. Fizeram um concurso de bonecas, mas a avó foi a casa da Mariana, porque a sua boneca estava feia e fez de costureira. A boneca ficou uma princesa. Quem ganhou o concurso foi a Mariana, porque foi a mais bonita.”	Fala muito baixo Articula mal Distrai-se com muita facilidade Perde-se em pormenores da história Foca-se muito em mostrar as imagens do livro aos colegas Está muito pouco concentrada na atividade	C10 – “O comportamento da avó foi mau, porque ela não deu muitos bolos.”
C1	“Um menino tinha medo do escuro e disse à mãe. A mãe levou-o ao jardim, para ele ver que o escuro não metia medo. Na árvore, mexeu-se uma coisa e a mãe disse que era uma coruja. Depois ele disse que estava um monstro nos arbustos, mas era o gato deles. Ele aprendeu que afinal não é preciso ter medo do escuro.”	Fala muito baixo Articula mal Hesita muito Foca-se nos acontecimentos da história	C2 – “A mãe foi amiga do filho”

C5	O rato Renato não quer lavar os dentes: <i>“À noite a mãe chamou para lavar os dentes e ele não lavou. No dia seguinte, foi ao dentista e ele disse que os dentes não estavam bem lavados e deu-lhe um livro para ele aprender a lavar os dentes. Mas ele foi brincar e esqueceu-se de lavar os dentes. Foi a uma festa, não lavou os dentes e ficou com dores.”</i>	- Fala muito baixo - Narra a história, segundo o livro que leu - Foca-se nos acontecimentos	C1 – <i>“A história tinha a lição para ele aprender a lavar os dentes.”</i> C2 – <i>“Foi mais ou menos.”</i>
----	---	---	---

Quadro 6 – Contos recolhidos em casa e narrados pelas crianças e reações do público (4ª sessão)

No que concerne à compreensão oral, foi notório que as crianças foram capazes de compreender as ideias principais das narrativas apresentadas pelos colegas. Por exemplo, depois de ouvir o conto narrado por C4, a maior parte das crianças disse que a avó era a idosa da história e que ela era amiga das crianças. Referiram ainda que a avó tinha tido um bom comportamento para com as crianças, o que mostra que tinham compreendido o conto e analisado tendo em conta os valores trabalhados na nossa intervenção didática.

Relativamente à comunicação oral, na narração de contos recolhidos em casa, as crianças utilizaram pouco mecanismos de natureza enciclopédica, uma vez que se limitaram a transmitir aos colegas algo que lhes tinha sido contado. O recurso a mecanismos de natureza linguística foi pouco diversificado: repetiam muito as mesmas expressões e palavras.

Na produção oral, verificaram-se grandes dificuldades:

- Ao nível fonético-fonológico, porque as crianças falavam muito baixo, eram pouco expressivas, usavam sempre o mesmo tom de voz e não articulavam bem;
- Ao nível léxico-semântico, porque não foram capazes de selecionar vocabulário adequado à situação de comunicação;
- A nível morfosintático, porque utilizaram poucos conectores;
- A nível textual, porque não conseguiram articular devidamente as ideias, nem respeitaram as características do texto narrativo, ou seja, não produziram um discurso com situação inicial, complicação, peripécias e desenlace/conclusão.

Apesar de ter havido narrações bem conseguidas, como a de C1, foi perceptível que estas crianças não estavam habituadas a fazer este tipo de atividade.

No Quadro 7, apresentamos dados recolhidos a partir das apresentações de narrativas inventadas pelas crianças que faziam alusão a comportamentos de adultos e de crianças.

Crianças	Produção oral Apresentação de narrativas inventadas	Compreensão oral Comentários sobre narrações feitas por outras crianças
C11	<i>“Um menino chamado Simão não queria lavar os dentes e foi à floresta comer framboesas. Depois foi à casinha e deu-lhe dinheiro.”</i>	Não houve comentários.
C7	<i>“Eu tenho medo de ir sozinho, à noite, à casa de banho e chamo a minha mãe para ir comigo. E ela vai comigo. Mas eu não agradeço.”</i>	Não houve comentários.
C2	<i>“Era uma vez um pai e um menino que estavam em casa. Depois o pai disse que não gostava do filho. Para ter mais dinheiro, levou-o para uma casa com meninos pobres. Depois a mãe quis comprar um filho e viveram felizes para sempre.”</i>	C12 – <i>“Errado, porque não se deve fazer isso.”</i> C9 – <i>“Errado, porque o pai só queria dinheiro. E os pais devem tratar dos filhos.”</i> C14 – <i>“Errado, porque o pai abandonou o filho.”</i>
C6	<i>“História de um menino que não gostava de escovar os dentes. A mãe mandou escovar os dentes e ele não escovou. A mãe mandou-o para o dentista e o dentista disse que ele tinha de tratar um dente, porque ele não os lavava. Ele tirou o dente e aprendeu que tem de escovar os dentes todos os dias.”</i>	C1 – <i>“É uma história mais ou menos, porque a mãe foi amiga dele, pois levou-o ao dentista.”</i>

Quadro 7 – Contos inventados e narrados pelas crianças e reações do público (4ª sessão)

Relativamente às apresentações de narrativas inventadas, as crianças basearam a sua comunicação oral nas suas experiências, vivências e conhecimentos, mostrando assim um bom uso de mecanismos de natureza enciclopédica. Porém, o recurso a mecanismos de natureza linguística foi muito pouco diversificado: repetiam constantemente as mesmas palavras e não procuravam explorar novas palavras.

Através dos comentários sobre as narrações, foi notório que as crianças tinham compreendido o que ouviram e se focaram nas ideias principais das narrações.

No decorrer da atividade foi ainda perceptível que assumiram os valores trabalhados ao longo do projeto, tanto quando apresentavam as suas narrativas, como quando comentavam as alheias.

4.5. Quinta sessão

No Quadro 8, apresentamos dados recolhidos durante a atividade de apresentação de fotografias das pessoas mais velhas das famílias das crianças.

Crianças	Produção oral Apresentação das pessoas mais velhas da família (fotos)	Observações
C2	<p><i>“É o meu avô, o avô Fernando. Tem o cabelo branco, tem óculos e é alto. Costumo ir no quintal com ele e brincar com os cães. É o que eu mais gosto de fazer com ele.”</i></p> <p><i>“Esta é a avó Conceição. Tem os cabelos brancos, usa óculos e é baixinha. Eu gosto de ir ao quintal com ela apanhar frutos. A avó pinta. É pintora e conta histórias (escreve histórias). E já pintou um quadro em que o lobo mau se estava a apaixonar pela capuchinho.”</i></p> <p><i>“Este é o meu avô Aurélio, tem cabelos brancos e tem bigodes e tem óculos e é grande. Com ele costumo ir passear ao parque.”</i></p> <p><i>“É a avó Fátima e usa óculos e tem o cabelo preto. Ela pinta o cabelo, porque não gosta de ter o cabelo branco como os outros e tem óculos e é baixinha.”</i></p>	<p>Apresenta com algumas hesitações</p> <p>Tem as fotografias sempre viradas para ele</p> <p>Só referiu o que faz com os avós, porque lhe perguntaram</p>
C3	<p><i>“Este é o avô João. Ai! É o avô Fernando. É careca e alto, muito alto. Com ele eu costumo fazer panquecas. E aqui (na foto) eu estou ao colo do avô.”</i></p> <p><i>“É o avô João que é o pai do pai e da Helena. É alto e é careca. Gosto de jogar xadrez com o meu avô. Foi ele que me ensinou.”</i></p> <p><i>“Esta aqui (na foto) é a vóvó Lurdes. Tem cabelo branco e eu estou sempre a dizer muitas vezes, quando ela me vem buscar à escola, “Porque é que tu tens o cabelo branco?” e ela é assim, porque já é velhinha, mas o C19 também tem o cabelo branco. Com a avó eu costumo... costumo fazer torres de legos.”</i></p> <p><i>“A minha bisavó dava-me colinho, quando eu era pequena, mas agora já morreu.”</i></p>	<p>Fala muito baixo e para dentro</p> <p>Está constantemente a brincar com as fotografias</p> <p>É preciso fazer-lhe perguntas para que avance na apresentação</p> <p>Para o fim, começou a concentrar-se e a apresentação melhorou</p> <p>Algumas crianças foram interrompendo a apresentação, comentando o que a C3 dizia.</p>

C12	<i>“É o avô Amadeu e a avó Basa. O avô é alto e eu vou à caça com ele e também meto comida aos cães. Com a avó Basa eu não costumo fazer nada, porque ela nunca sai do sofá, mas às vezes eu vou para a sala com ela.”</i>	Fala baixo e hesita Para muito e perde-se no discurso Com incentivos vai apresentando
C4	<i>“Esta é a avó Rosa. A avó Rosa faz bonecos connosco e corta meias para fazer roupas para bebés. É a mãe do pai e trabalha ali (na Universidade). O que mais gosto de fazer com ela são desenhos.”</i> <i>“Aqui é o avô João. Eles bebem cerveja (a mãe, o pai e o avô)! Ele tem o cabelo meio branco e meio preto. O avô dá ovos kinder e bolachas. Eu faço desenhos com ele.”</i> <i>“A avó Manela ensaia connosco ballet. Nós (eu e a mana) é que a ensinamos a dançar.”</i>	Traz a foto em suporte digital (telemóvel), o que dificulta a visualização Tem muita dificuldade em se concentrar no que está a fazer Não assume a situação de comunicação em que está envolvida Só avança na apresentação através de perguntas As outras crianças comentam que não percebem o que ela diz e que não conseguem ver a fotografia.
C11	<i>“Estes são os meus avós. E eu gosto de brincar com eles e passear. O avô é alto e forte. A avó até é bonita. Eu gosto muito dos dois! O quarto do avô tem riscas.”</i>	Fala para dentro Apresenta informações que, para ele são importantes Está concentrado na atividade
C1	<i>“Estes são os avós! Aqui estávamos numa festa de anos com a família. O avô é meu amigo e a avó também. Eles ensinam-me coisas, a mim e à mana. O avô é uma pessoa com força e a avó é muito bonita.”</i>	Não assume a situação de comunicação Mas é capaz de fazer uma apresentação bastante boa, se estiver disposto a isso

Quadro 8 – Apresentação das pessoas mais velhas das famílias a partir de fotografias (5ª sessão)

Ao nível da comunicação oral, as crianças basearam as suas apresentações no recurso a mecanismos de natureza enciclopédica, uma vez que contaram acontecimentos, vivências, experiências da sua vida e falaram de pessoas que conviviam com elas diariamente. De um modo geral, exploraram pouco mecanismos de natureza linguística: o léxico utilizado era pouco variado.

Relativamente à produção oral, em geral, apresentaram bastantes dificuldades:

- Ao nível fonético-fonológico, notava-se falta de expressividade no discurso e a entoação não era a mais adequada;

- Ao nível léxico-semântico, o vocabulário selecionado e utilizado no discurso era pouco diversificado e não muito adequado à situação, que se revestia de alguma formalidade;

- A nível morfosintático, repetiram muito certos conectores;

- Por fim, a nível textual, não foram capazes de manter um discurso coerente e coeso, introduzindo ao longo das apresentações temas e situações que nada tinham a ver com a atividade.

No seu decurso, foi possível constatar a falta de prática na produção de discursos orais. Mas, por outro lado, foi notório que as crianças tinham adotado os valores trabalhados ao longo do projeto, pois, nas suas apresentações, de uma forma geral, falaram dos seus avós com uma admiração especial, tendo sempre presente o respeito por alguém que é mais velho e tem muito para ensinar.

Capítulo 5 – Conclusões e sugestões

5.1. Conclusões

Por fim, iremos passar à apresentação das conclusões referentes ao nosso estudo, tendo por base os resultados da análise dos dados e a sua relação com os objetivos e as questões de investigação inicialmente definidas.

5.1.1. Relativas à promoção de valores

Fazendo um balanço final relativamente a toda a intervenção didática, no que se refere à área de Formação Social e Pessoal, mais concretamente à promoção de valores, a evolução foi positiva, sendo notória, ao longo das sessões, uma crescente consciencialização de valores e atitudes como respeito, cooperação, carinho, proteção, etc. Esta manifestava-se nos enunciados produzidos pelas crianças durante as atividades realizadas nas várias sessões. O confronto de ideias foi crucial para que, em grupo, tomassem consciência da importância das relações entre diferentes gerações.

Deste ponto de vista, o projeto teve por base dois pontos: os comportamentos das crianças para com os idosos/pessoas mais velhas e os comportamentos dos idosos/pessoas mais velhas para com as crianças. Foi possível perceber que as crianças se sentiam mais à vontade para expressar valores referentes aos seus comportamentos para com pessoas mais velhas. Quando se tratava de comportamentos de pessoas mais velhas para com elas (crianças), tinham mais dificuldade, porque não era fácil para si porem-se no lugar do outro (neste caso, das pessoas mais velhas). As imagens apresentadas nas atividades ajudaram-nas a identificar os valores e os comportamentos a eles associados.

5.1.2. Relativas à comunicação oral

No que diz respeito à comunicação oral, concluímos que as crianças usavam com facilidade mecanismos de natureza enciclopédica, uma vez que baseavam os seus discursos nas suas vivências, conhecimentos e experiências.

Revelavam muito mais dificuldade no uso de mecanismos de natureza linguística: os seus conhecimentos gramaticais e o seu léxico eram restritos. Não tinham um vocabulário

diversificado e apresentavam dificuldade em estruturar os seus discursos orais, utilizando frequentemente frases curtas e muito simples.

Porém, é preciso recordar que o grupo incluía crianças dos 3 aos 5 anos. Desta forma, houve aprendizagens mais desenvolvidas numas do que noutras.

5.1.2.1. Compreensão

No que diz respeito à compreensão oral, podemos concluir que as crianças foram capazes de compreender o que tinham ouvido, utilizando estratégias como a apreensão das ideias do texto (por exemplo, na atividade de *Verdadeiro e Falso* e na dramatização do conto *O pequeno polegar*). Significa isto que, sempre que faziam um reconto, recorriam às estratégias de compreensão acima referidas e faziam-no utilizando novo vocabulário.

Foi também possível perceber que, quando se tratava de uma situação desconhecida, surgiam algumas dúvidas, que eram esclarecidas com breves explicações. Por exemplo, tiveram dificuldade em compreender alguns aspetos do conto *O pequeno polegar*, por se referir a uma situação que desconheciam: o facto de os pais poderem abandonar os seus filhos. No entanto, este foi o único caso de dificuldade registado.

Desta forma concluímos que estas crianças tinham uma boa capacidade de compreensão oral e que esta foi desenvolvida e melhorada com a implementação das atividades incluídas na nossa intervenção didática.

5.1.2.2. Produção

Relativamente à produção oral, concluímos que as crianças eram capazes de produzir um discurso oral compreensível, mas que apresentavam algumas dificuldades, pois não estavam habituadas a situações de comunicação oral mais formais. Assim:

- Ao nível fonético-fonológico, não eram capazes de utilizar a entoação e a expressividade de forma adequada;
- Ao nível léxico-semântico, apesar de terem selecionado vocabulário adequado, tendo em conta o contexto de comunicação, revelavam dificuldade em assumir uma comunicação oral formal;

- Ao nível morfosintático, foi possível verificar que tiveram dificuldade em usar conectores;

- Ao nível textual, verificou-se alguma falta de coerência e coesão na apresentação das ideias.

Desta forma, concluímos que estas crianças não estavam habituadas a realizar este tipo de atividades e, por isso, revelaram bastantes lacunas.

5.2. Reflexão

É importante que sejamos capazes de refletir, tanto ao longo do percurso, como no fim, pois, segundo Dewey (citado por Alarcão, 1996, p. 175) *“a reflexão é (...) uma forma especializada de pensar. Implica uma perscrutação activa, voluntária, persistente e rigorosa daquilo em que se julga acreditar ou daquilo que habitualmente se pratica, evidência os motivos que justificam as nossas acções ou convicções e ilumina as consequências a que elas conduzem.”*. Desta forma, fazendo um balanço final sobre todo o percurso realizado, este é positivo. Aprendemos, crescemos e sobretudo superamo-nos a nós mesmas.

Inicialmente, não percebíamos de que forma poderíamos influenciar as crianças com a pouca experiência que tínhamos. Que aprendizagens enriquecedoras e estimulantes iríamos conseguir proporcionar-lhes? As semanas de observação, juntamente com as reuniões semanais, ajudaram-nos a refletir sobre o nosso papel enquanto educadora estagiária no contexto e a clarificar a sua natureza.

No início, sentíamos que a nossa presença não era muito relevante para as crianças: raramente nos procuravam e, quando o faziam, era apenas para lhes explicarmos algo, para as esclarecermos sobre algo. Percebemos agora que esse era o nosso papel: proporcionar às crianças o brincar, livre iniciativa, autonomia e sobretudo um clima de segurança, pois compete ao educador permitir *“que as crianças beneficiem de oportunidades que são proporcionadas (...) alargando as suas relações com outras crianças de diferentes idades e níveis educativos (...) que participem no desenvolvimento de atividades e projetos com outras crianças e grupos, que compreendam e aceitem regras de convivência que envolvem crianças de diferentes idades (...) Estas situações ampliam e enriquecem a sua aprendizagem e competências sociais.”* (Silva et al., 2016, p. 30).

À fase de observação – que se revelou uma etapa crucial de questionamento, reflexão, conceção de objetivos de trabalho (tendo em conta o grupo e o contexto) e, principalmente, de aprendizagem – seguiu-se a fase de planear a ação. Esta fase foi fulcral, pois as aprendizagens daquelas crianças iam depender da nossa intervenção (apesar de sabermos que tínhamos sempre a educadora cooperante a apoiar-nos) e da forma como nós as conseguíssemos estimular.

Depois passamos à implementação. Foi nesse momento que percebemos que uma coisa é planear e outra é agir em contexto. Esta foi uma das nossas maiores dificuldades: aceitar que as coisas não se desenvolviam tal e qual como esperávamos. No entanto, agora compreendemos que aí é que está a “magia” de ser educador. Nós somos “apenas” mediadores da ação, cabe-nos a nós proporcionar às crianças aprendizagens estimulantes, que as façam desenvolver, tornando-se cidadãos capazes e autónomos, apoiando *“a compreensão que as crianças têm, desde muito cedo, dos sentimentos, intenções e emoções dos outros, facilitando o desenvolvimento da compreensão do que os outros pensam, sentem e desejam”* (Silva et al., 2016, p. 27).

Ao longo das intervenções, uma das maiores dificuldades foi a gestão do tempo e aceitar que não há mal que uma atividade “ultrapasse” o tempo estipulado ou que não “dure” o tempo que lhe tínhamos atribuído na planificação.

Percebemos também que um dos grandes desafios de um educador é conseguir cativar a atenção/interesse de todas as crianças. Ficamos com a sensação de que nem todas as crianças tinham “gostado” de algumas atividades, porque não tinham sido estimulantes para elas ou simplesmente porque não estavam dispostas a participar ativamente, o que algumas vezes nos deixava com um sentimento de frustração e incapacidade. No entanto, ao refletir, chegamos à conclusão de que este é o grande desafio de um educador: proporcionar a todas as crianças aprendizagens estimulantes, fornecer-lhes as melhores condições para aprender. Contudo, o educador tem de ser capaz de perceber que há dias em que as crianças não estão predispostas a determinadas atividades e é preciso ter uma grande capacidade de improviso e criatividade para ultrapassar o problema.

Durante todo este percurso, procuramos proporcionar às crianças experiências e aprendizagens diversificadas, tanto na sala de atividades, como no exterior, incluindo todas

as áreas de conteúdo presentes nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Como vem referido nesse documento, *“O tratamento das diferentes áreas de conteúdo baseia-se nos fundamentos e princípios comuns a toda a pedagogia para a educação de infância, pressupondo o desenvolvimento e a aprendizagem como vertentes indissociáveis do processo educativo e uma construção articulada do saber serão abordadas de forma integrada e globalizante.”* (Silva et al., 2016, p. 31)

Como referimos inicialmente, o balanço é totalmente positivo. Crescemos e aprendemos muito como futura profissional da educação, mas sobretudo como pessoa. Ser educador exige respostas diferentes todos os dias, exige um olhar atento e reflexivo constante. Nós somos responsáveis por formar pessoas autónomas, capazes, responsáveis, compreensivas e respeitadoras, pois *“a construção da autonomia assume um papel de responsabilidade na criança, é um processo de desenvolvimento pessoal e social”* (Godinho, 2016, p. 5). Cabe-nos a nós a tarefa de proporcionar a todas e a cada uma das crianças um alto nível de bem-estar e implicação, para que todas tirem proveito das aprendizagens.

Terminando, espero que, no futuro, possamos continuar a crescer, a aprender e a desenvolver aprendizagens nas crianças, formando pessoas livres e capazes, nunca descurando o desenvolvimento das atitudes e dos valores, que são uma das bases para o crescimento do ser humano. Tal como afirma Nóvoa (2015, p. 5), *“A educação, a cultura, o conhecimento, servem para nos abrir mundos que, de outro modo, nos teriam ficado desconhecidos, inacessíveis, servem para nos libertar da ignorância e da incultura, dos lugares em que a ignorância e a incultura nos fecham, impedindo-nos de sermos livres.”*

5.3. Sugestões

5.3.1. Relativas à promoção de valores

Consideramos que, para um eficaz desenvolvimento de competências associadas à promoção de valores e, consequentemente, à área de *Formação Pessoal e Social*, é fundamental que os educadores trabalhem este tema desde cedo e que o tenham presente ao longo de todas as atividades implementadas. Tal como refere Campos (1991, p. 7): *“A formação pessoal e social, enquanto objectivo da educação escolar, tem como ponto de*

partida várias preocupações, de que se destacam três até certo ponto relacionadas com as mudanças em curso no processo de socialização das novas gerações: a capacitação para a resolução de problemas de vida, a promoção do desenvolvimento psicológico e a educação para os valores.”

A partir da nossa intervenção didática, percebemos que a promoção de valores é essencial para que formemos futuros cidadãos conscientes, capazes e autónomos. Para isso é imprescindível a promoção de valores relacionados consigo próprios e com os outros. Tal como consta nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Silva et al., 2016, p. 37), *“É nos contextos sociais em que vive, nas relações e interações com outros e com o meio que a criança vai construindo referências, que lhe permitem tomar consciência da sua identidade e respeitar a dos outros, desenvolver a sua autonomia como pessoa e como aprendiz, compreender o que está certo e errado, o que pode e não pode fazer, os direitos e deveres para consigo e para com os outros”*

Desta forma, apresentamos algumas sugestões relacionadas com a relação entre *velhos* e *novos*, que nos parece pertinente explorar com crianças a frequentar a Educação Pré-Escolar.

As duas primeiras sugestões prendem-se com atividades incluídas na nossa intervenção didática: utilizar álbuns infantojuvenis para explorar temas relacionados com a relação entre idosos e crianças, assim como valores a ela inerentes, e partilhar histórias, medos, vivências em grande grupo.

A terceira corresponde a algo que gostaríamos de ter feito também: visitar um lar de idosos e desenvolver atividades em conjunto com os seus utentes, de forma a perceberem que os membros de ambos os grupos etários têm algo a ensinar uns aos outros.

5.3.2. Relativas à comunicação oral

A comunicação oral é um domínio da Educação Pré-Escolar ainda pouco explorado, como pudemos comprovar ao longo das sessões da nossa intervenção didática.

No entanto, o seu desenvolvimento é fundamental para as crianças, por forma a torna-las capazes de ouvir os outros e de exprimir as suas ideias recorrendo a um discurso eficaz e coerente. Tal como é referido nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-*

Escolar (Silva et al., 2016, p. 64), “as suas capacidades de compreensão e produção linguística deverão ser progressivamente alargadas, através das interações com o/a educador/a, com as outras crianças e com outros adultos”.

Assim sendo, cabe ao educador proporcionar às crianças a oportunidade de desenvolverem as suas competências em comunicação oral, propondo-lhes atividades que fomentem esta prática.

Uma vez que o desenvolvimento da oralidade, no nosso projeto, se relacionava com a relação entre *velhos* e *novos*, sugerimos que se recorra a atividades do género das que propusemos às crianças que participaram na nossa intervenção didática: recontar histórias ouvidas, participar em diálogos e fazer apresentações orais.

Para além disso, será necessário variar as situações de comunicação oral em que as crianças participem: por exemplo, transmitir mensagens e/ou recados, contar episódios vividos, dar opinião e justifica-la, etc.

Seria também interessante realizar com as crianças atividades que combinassem as duas vertentes do nosso projeto: por exemplo, realizar visitas a lares de idosos, em que possam ouvir histórias contadas por pessoas mais velhas e dialogar com elas ou até entrevista-las sobre algum tema que andem a explorar com a educadora.

5.4. Limitações do estudo

Fazendo um balanço final do nosso projeto, tendo em conta o desenvolvimento da oralidade e a promoção de valores, apontamos como principal limitação o fator tempo. Consideramos que este foi reduzido e fez com que tivéssemos de fazer uma seleção criteriosa dos tópicos a abordar e das estratégias a utilizar, que limitaram um pouco o seu alcance. Assim, consideramos que, se tivéssemos tido mais tempo para implementar as sessões da nossa intervenção didática, poderíamos ter tido resultados mais precisos.

Um outro fator perturbador prende-se com o facto de as semanas de intervenção serem alternadas com a colega de diáde. Desta forma, as atividades podiam parecer não ter uma sequência lógica, o que dificultou a implicação das crianças na sua realização em ambos os projetos.

É de referir, também, que o facto de se tratar de um grupo heterogéneo com diferenças de idades significativas se tornou uma limitação, uma vez que, em algumas atividades, se notaram grandes diferenças no desempenho de crianças com idades diferentes.

5.5. Sugestões para outros estudos

Consideramos que a realização deste projeto poderá ser o ponto de partida para novos projetos relacionados com o desenvolvimento da oralidade e a promoção de valores em crianças a frequentar a Educação Pré-Escolar.

Seria interessante relacionar o desenvolvimento da oralidade com a exploração da literatura infantojuvenil, abordando outros temas relacionados com a área de Formação Pessoal e Social.

Da mesma forma, parece-nos pertinente abordar o tema deste projeto com alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico, dando continuidade ao desenvolvimento da oralidade e à promoção dos valores, visto que ambas as áreas são fundamentais para a formação de cidadãos capazes e conscientes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alarcão, I. (1996). *Formação reflexiva de professores – Estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.
- Amor, E. (1994). *Didática do Português: Fundamentos e metodologias*. Lisboa: Texto Editora.
- André, M. E. D. A. (1984). *Estudo de caso: seu potencial na educação*. Obtido de <http://educa.fcc.org.br/pdf/cp/n49/n49a06.pdf> (Consultado em junho de 2018).
- Bell, J. (1997). *Como realizar um projecto de Investigação*. Lisboa: Gradiva (trad.).
- Campomar, M. (1991). Do uso de «estudo de caso» em pesquisas para dissertações e teses. *Administração. Revista de Administração*, 26, 95–97. Obtido de <http://www.spell.org.br/documentos/ver/18696/do-uso-de--estudo-de-caso--em-pesquisas-para-dissertacoes-e-teses-em-administracao/i/pt-br> (Consultado em junho de 2018).
- Campos, B. P. (1991). *Educação e desenvolvimento pessoal e social*. Porto: Edições Afrontamento.
- Dias, C. (2002). A influência dos avós nas dimensões familiar e social. *Symposium*, 34–38. Obtido de: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/5743/5743.PDF> (Consultado em dezembro de 2017).
- Godinho, A. (2016). *Desenvolver a autonomia das crianças em idade pré-escolar: os contributos das rotinas diárias. Estudo de caso*. (Dissertação de mestrado, Instituto Superior de Educação e Ciências). Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/19161/1/TESE.pdf> (Consultado em junho 2018).
- Lopes, E. S. D. L., & Park, M. B. (2007). Representação social de crianças acerca do velho e do envelhecimento. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 12(2), 141–148. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2007000200006> (Consultado em dezembro de 2017).
- Luna, E. (2016). Abordagem da oralidade na formação inicial de profissionais da educação: um estudo num segundo ciclo profissionalizante de Bolonha em Portugal. In C. M. Sá, & E. Luna, *Transversalidade V : Desenvolvimento da oralidade*. Coleção Cadernos do

- LEIP, Série “Temas”, nº 5. (pp. 23-151). Aveiro: UA Editora. Disponível em: https://ria.ua.pt/bitstream/10773/16090/1/Tr5_Desenvolvimento_da_Oralidade.pdf (Consultado em dezembro de 2017).
- Meirinhos, M., & Osório, A. (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. *Eduser*, 2(2), 49–65. Disponível em: <https://www.eduser.ipb.pt/index.php/eduser/article/view/24/27> (Consultado em junho 2018).
- Menezes, I. (1999). *Desenvolvimento psicológico na formação pessoal e social*. Porto: Edições ASA.
- Ministério da Educação (2010). *Metas de aprendizagem*. Lisboa: Ministério da Educação/Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Nóvoa, A. S. (2015). *Os desafios da docência perante o recuo dos direitos de cidadania - Professores somos*. Lisboa: V Congresso do SPGL. Disponível em: <https://www.spgl.pt/Media/Default/Info/15000/600/40/6/Intervencao%20Ant%C3%B3nio%20Sampaio%20da%20N%C3%B3voa.pdf> (Consultado em junho 2018).
- Portugal, G., & Laevers, F. (2010). *Avaliação em Educação Pré-Escolar – Sistema de acompanhamento das crianças*. Porto: Porto Editora.
- Sá, C. M. (2017). *Projetos e desenvolvimento de competências em comunicação oral nos primeiros anos*. Aveiro: UA Editora. Disponível em: <http://revistas.ua.pt/index.php/ID/article/view/6170/4751> (Consultado em dezembro de 2017).
- Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direcção-Geral da Educação.
- Sim-Sim, I., Silva, A. C., & Nunes, C. (2008). *Linguagem e comunicação no jardim-de-infância*. Lisboa: Ministério da Educação/Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular. Disponível em: https://fne.pt/upload/pre-escolar/Conhecimento_Lingua.pdf (Consultado em dezembro de 2017).
- Sousa, A. C. R. (2012). *A linguagem oral na Educação Pré-Escolar – uma ferramenta para crescer, comunicando*. Portalegre: Instituto Politécnico de Portalegre/Escola Superior de Educação.

- Sousa, L. (2017). *Avós e netos : uma relação afectiva , uma relação de afectos*. Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.com/acervo/artieop/Geral/artigo224.htm> (Consultado em dezembro de 2017).
- Tomás, C. (2014). As culturas da infância na Educação de Infância : Um olhar a partir dos Direitos da Criança. *Interacções*, 144(32), 129–144. Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/6352/4929> (Consultado em dezembro de 2017).
- UNICEF (1989). A Convenção sobre os Direitos da Criança. *Unicef*, 54. Disponível em: https://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf (Consultado em dezembro de 2017)

OUTRAS OBRAS CONSULTADAS

- Agrupamento de Escolas de Aveiro. *Projeto Educativo*. (2017). Disponível em: <http://agrupamentodeescolasdeaveiro.pt/> (Consultado em novembro de 2017).
- Carmo, H., & Ferreira, M. M. (1998). *Metodologia de investigação. Guia para a autoaprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Centro de Infância Arte e Qualidade (2014). *Projeto Educativo*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Duarte, J. B. (2008). Estudos de caso em Educação. Investigação em profundidade com recursos reduzidos e outro modo de generalização. *Revista Lusófona de Educação*, 11, 113-132.
- Pereira, F., & Queirós. (2012). A consolidação da pesquisa social qualitativa: um aporte teórico. *Revista Espaço Acadêmico*, volume (134), 65 – 72. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/14729/9455> (Consultado em junho 2018).
- Sousa, C., Jesuíno, J. C., Fonseca, M. F., et al. (2010). *Como as crianças vêem os idosos: Um estudo dos 6 aos 10 anos*. Almada: Instituto Superior de Estudos Interculturais e Transdisciplinares. Disponível em: <http://www.associacaoamigosdagrandeidade.com/wp-content/uploads/filebase/estudos/COMO%20AS%20CRIAN%C3%83%E2%80%A1AS>

[%20VEEM%20S%20DOSOS.pdf](#) (Consultado em junho de 2018).

ANEXOS

Anexo 1 – Planificações das sessões da intervenção didática

1ª Sessão

2.ª FEIRA – 9 de abril de 2018				
ÁREAS	METAS DE APRENDIZAGEM	ESTRATÉGIAS/ATIVIDADES DESCRIÇÃO DA SESSÃO	TEMPO	RECURSOS
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	<p>No final da educação pré-escolar, a criança:</p> <p>Domínio: Compreensão de Discursos Oraís e Interação Verbal</p> <p>Meta Final 26) Faz perguntas e responde, demonstrando que compreendeu a informação transmitida oralmente.</p> <p>Meta Final 28) Relata e recria experiências e papéis.</p> <p>Meta Final 29) Descreve acontecimentos, narra histórias com a sequência apropriada, incluindo as principais personagens.</p> <p>Meta Final 30) Reconta narrativas ouvidas ler.</p> <p>Meta Final 31) Descreve pessoas, objetos e ações.</p> <p>Meta Final 32) Partilha informação oralmente através de frases coerentes.</p>	<p>Exploração do álbum infantojuvenil <i>A manta</i></p> <p><u>Pré-leitura</u></p> <p>Diálogo a partir de fotos dos avós das estagiárias</p> <p><u>Leitura</u></p> <p>Em voz alta pela estagiária</p> <p><u>Pós-leitura</u></p> <p>V/F oral elaborado de modo a constituir um reconto da história orientado por algumas afirmações:</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Quando a avó morreu, as tias quase se zangaram por causa das joias de rainha.</i> (Falso) • <i>A avó era uma mulher pequenina e muito magra.</i> (Verdadeiro) • <i>A cama da avó era enorme.</i> (Verdadeiro) • <i>A avó contava histórias de um livro.</i> (Falso) 	10h-11h	<p>Fotos dos avós</p> <p>Álbum infantojuvenil <i>A manta, uma história aos quadrinhos (de tecido)</i></p> <p>Martins, I. (2010). <i>A manta, uma história aos quadrinhos (de tecido)</i>. Portugal: Planeta Tangerina.</p>

		<ul style="list-style-type: none"> • <i>A manta era feita de retalhos. (Verdadeiro)</i> • <i>Cada retalho representava uma história. (Verdadeiro)</i> • <i>A manta fica sempre em casa da mesma tia. (Falso)</i> <p>Reconto da história (que poderá ser feito por uma criança com a ajuda das restantes):</p> <p><i>- A avó tinha muitas coisas valiosas, mas não foi por nenhuma dessas coisas que as tias quase se zangaram.</i></p> <p><i>A avó era pequenina e magrinha, mas dormia numa cama muito grande onde cabia muita gente.</i></p> <p><i>À noite a avó contava histórias antigas até o sono aparecer. As histórias eram contadas a partir de uma manta.</i></p> <p><i>Esta manta era enorme e feita de centenas de pequenos retalhos, onde cada um representava uma história vivida pela família.</i></p> <p><i>Quando a avó morreu todas as tias queriam a manta. No entanto, passado algum tempo decidiram que a manta ficaria um mês em cada casa. Assim todos podiam estar “mais perto” da avó. E</i></p>		
--	--	--	--	--

		<i>quando os pedaços de retalhos se começavam a desfazer eram substituídos, juntando mais histórias à manta.</i>		
Expressões	Domínio: Expressão Plástica - Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Comunicação <u>Subdomínio: Produção e Criação</u> Meta Final 1) Representa vivências individuais, temas, histórias, paisagens entre outros, através de vários meios de expressão (pintura, desenho, colagem, modelagem, entre outros meios expressivos).	Atividade Construção da manta das recordações - Diálogo sobre a manta da avó da história - Proposta de construção de uma <i>manta de recordações</i> para o projeto <ul style="list-style-type: none"> • Tal como a manta retratada na história constitui um repositório de histórias vividas pela família é proposto às crianças que ao longo das sessões construam uma manta. Cada retalho desta manta representará e contará o “aprendido” na sessão correspondente. No final o grupo de crianças terá uma <i>manta de recordações</i>. • Nesta primeira sessão cada criança faz um desenho representando os seus avós num pedaço de tecido; Juntam-se os desenhos para fazer o quadrado da <i>manta de recordações</i> do projeto relativa à primeira sessão (“cosendo” os quadrados uns aos outros com fitas passadas).		Tecido Marcadores de tecido

2ª Sessão

3.ª FEIRA – 10 de abril de 2018				
ÁREAS	METAS DE APRENDIZAGEM	ESTRATÉGIAS/ATIVIDADES DESCRIÇÃO DA SESSÃO	TEMPO	RECURSOS
Conhecimento do Mundo	<p>No final da educação pré-escolar, a criança:</p> <p>Domínio: Conhecimento do Ambiente Natural e Social</p> <p>Meta Final 12) Formula questões sobre lugares, contextos e acontecimentos que observa (direta ou indiretamente) no seu quotidiano. Meta Final 21) Reconhece que o ser humano tem necessidades fisiológicas (sede, fome, repouso...), de segurança (abrigo e proteção), sociais (pertença e afeto...), de estima (reconhecimento, estatuto...) e de autorrealização e que passa por um processo de crescimento e desenvolvimento, explicando semelhanças e diferenças entre estas necessidades humanas e as de outros seres vivos. Meta Final 22) Identifica permanência e mudança nos processos de</p>	<p>Diálogo sobre atitudes a adotar pelas crianças para com as pessoas mais velhas</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>As crianças devem ter algum cuidado “especial” com as pessoas mais velhas? Quais? Porquê?</i> • <i>Já viveram alguma situação de respeito ou desrespeito para com pessoas mais velhas? Qual?</i> • <i>Devemos respeitar, cooperar, aprender, ser solidários, companheiros e compreensivos para com as pessoas mais velhas.</i> <p>Jogo Certo ou errado</p> <p>- Mostrar às crianças imagens alusivas a situações de interação entre crianças e idosos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Algumas documentando atitudes corretas • Outras mostrando atitudes incorretas <p>- As crianças deverão dizer se as situações estão <i>certas</i> ou <i>erradas</i> e justificar</p>	14h – 15h	Imagens do jogo <i>Certo ou errado</i>

<p>Formação Pessoal e Social</p>	<p>crescimento, associando-o a diferentes fases nos seres vivos, incluindo o ser humano (bebê, criança, adolescente, jovem, adulto, idoso).</p> <p>Domínio: Independência/Autonomia</p> <p>Meta Final 13) Manifesta as suas opiniões, preferências e apreciações críticas, indicando alguns critérios ou razões que as justificam.</p> <p>Meta Final 14) Expressa as suas ideias, para criar e recriar atividades, materiais e situações do quotidiano e para encontrar novas soluções para problemas que se colocam (na vida do grupo, na aprendizagem), com recurso a diferentes tipos de linguagem (corporal, oral, escrita, matemática e gráfica.).</p> <p>Meta Final 19) Contribui para o funcionamento e aprendizagem do grupo, fazendo propostas, colaborando na procura de soluções, partilhando ideias, perspetivas e saberes e reconhecendo o contributo dos outros.</p>	<p>- De seguida, retificam as situações erradas através da dramatização</p>		
---	---	---	--	--

	<p>Domínio: Convivência Democrática/Cidadania</p> <p>Meta Final 25) Perante opiniões e perspectivas diferentes da sua, escuta, questiona e argumenta, procurando chegar a soluções ou conclusões negociadas.</p> <p>Meta Final 26) Manifesta respeito pelas necessidades, sentimentos, opiniões culturas e valores dos outros (crianças e adultos), esperando que respeitem os seus.</p> <p>Domínio: Solidariedade/Respeito pela Diferença</p> <p>Meta Final 29) Reconhece a diversidade de características e hábitos de outras pessoas e grupos, manifestando respeito por crianças e adultos, independentemente de diferenças físicas, de capacidades, de género, etnia, cultura, religião ou outras.</p> <p>Meta Final 32) Identifica no seu contexto social (grupo, comunidade) algumas formas de injustiça e discriminação, (por motivos de etnia, género, estatuto social, de</p>			
--	---	--	--	--

<p>Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</p>	<p>incapacidade ou outras), propondo ou reconhecendo formas de as resolver ou minorar.</p> <p>Domínio: Compreensão de Discursos Orais e Interação Verbal</p> <p>Meta Final 27) Questiona para obter informação sobre algo que lhe interessa.</p> <p>Meta Final 28) Relata e recria experiências e papéis.</p> <p>Meta Final 29) Descreve acontecimentos, narra histórias com a sequência apropriada, incluindo as principais personagens.</p> <p>Meta Final 31) No final da educação pré-escolar, a criança descreve pessoas, objetos e ações.</p> <p>Meta Final 32) Partilha informação oralmente através de frases coerentes.</p>			
--	--	--	--	--

Expressões	<p>Domínio: Expressão Dramática/Teatro – Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Comunicação <u>Subdomínio: Experimentação e</u> <u>Criação / Fruição e Análise</u> Meta Final 15) Expõe e discute ideias e propõe soluções para desafios criativos, em contexto de faz-de-conta ou de representação.</p>			
------------	--	--	--	--

3ª Sessão

2.ª FEIRA – 23 de abril de 2018				
ÁREAS	METAS DE APRENDIZAGEM	ESTRATÉGIAS/ATIVIDADES DESCRIÇÃO DA SESSÃO	TEMPO	RECURSOS
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	No final da educação pré-escolar, a criança: Domínio: Compreensão de Discursos Orais e Interação Verbal Meta Final 28) Relata e recria experiências e papéis. Meta Final 32) Partilha informação oralmente através de frases coerentes. Meta Final 35) Usa nos diálogos palavras que aprendeu recentemente.	Diálogo sobre atitudes dos idosos para com as crianças (corretas e incorretas) • Os idosos devem ter algum cuidado na forma como tratam as crianças? • Que comportamentos devem ter os idosos para com as crianças? Narração oral de episódios vividos pelas crianças relativos a este tema - Cada criança partilha com os restantes colegas algum episódio que já tenha vivido - No fim de cada narração, o público (infantil e adulto) faz perguntas ao narrador para esclarecer dúvidas	14h – 15h	
Formação Pessoal e Social	Domínio: Identidade/Autoestima Meta Final 3) Expressa as suas necessidades, emoções e sentimentos de forma adequada. Meta Final 4) Demonstra confiança em experimentar atividades novas, propor ideias e falar num grupo que lhe é familiar. Domínio: Independência/Autonomia Meta Final 10) Manifesta curiosidade pelo mundo que a rodeia, formulando questões sobre o que observa.	Diálogo para analisar as situações relatadas pelas crianças - Em grande grupo classificar as situações em certas ou erradas, justificando		

	<p>Meta Final 11) Revela interesse e gosto por aprender, usando no cotidiano as novas aprendizagens que vai realizando.</p> <p>Meta Final 13) Manifesta as suas opiniões, preferências e apreciações críticas, indicando alguns critérios ou razões que as justificam.</p> <p>Domínio: Cooperação</p> <p>Meta Final 17) Dá oportunidade aos outros de intervirem nas conversas e jogos e espera a sua vez para intervir.</p> <p>Meta Final 22) Avalia, apreciando criticamente, os seus comportamentos, ações e trabalhos e os dos colegas, dando e pedindo sugestões para melhorar.</p> <p>Domínio: Convivência Democrática/Cidadania</p> <p>Meta Final 25) Perante opiniões e perspetivas diferentes da sua, escuta, questiona e argumenta, procurando chegar a soluções ou conclusões negociadas.</p> <p>Meta Final 26) Manifesta respeito pelas necessidades, sentimentos, opiniões culturas e valores dos outros (crianças e adultos), esperando que respeitem os seus.</p> <p>Domínio: Solidariedade/Respeito pela Diferença</p> <p>Meta Final 29) Reconhece a diversidade de características e hábitos de outras pessoas e</p>	<p><u>Em caso de necessidade:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Entregar uma imagem a cada criança que retrata comportamentos de idosos para com as crianças (certos e errados) - Cada criança comenta a sua imagem, justificando se corresponde a uma situação certa ou errada) 		<p>Imagens apresentando comportamentos corretos e incorretos de adultos para com crianças</p>
--	--	---	--	---

	<p>grupos, manifestando respeito por crianças e adultos, independentemente de diferenças físicas, de capacidades, de gênero, etnia, cultura, religião ou outras.</p> <p>Meta Final 30) Reconhece que as diferenças contribuem para o enriquecimento da vida em sociedade, identificando esses contributos em situações do cotidiano.</p> <p>Meta Final 32) Identifica no seu contexto social (grupo, comunidade) algumas formas de injustiça e discriminação, (por motivos de etnia, gênero, estatuto social, de incapacidade ou outras), propondo ou reconhecendo formas de as resolver ou minorar.</p>			
Expressões	<p>Domínio: Expressão Plástica - Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Comunicação</p> <p><u>Subdomínio: Produção e Criação</u></p> <p>Meta Final 1) No final da educação pré-escolar, a criança representa vivências individuais, temas, histórias, paisagens entre outros, através de vários meios de expressão (pintura, desenho, colagem, modelagem, entre outros meios expressivos).</p>	<p>Continuação da Construção da manta das recordações</p> <p>- Construção de uma figura que represente um adulto e outra que represente uma criança</p>		<p>Cartolinas</p> <p>Tecidos</p> <p>Cola</p> <p>Tesouras</p>

4ª Sessão

2.ª FEIRA – 7 de maio de 2018				
ÁREAS	METAS DE APRENDIZAGEM	ESTRATÉGIAS/ATIVIDADES DESCRIÇÃO DA SESSÃO	TEMPO	RECURSOS
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	<p>No final da educação pré-escolar, a criança:</p> <p>Domínio: Compreensão de Discursos Oraís e Interação Verbal</p> <p>Meta Final 26) Faz perguntas e responde, demonstrando que compreendeu a informação transmitida oralmente.</p> <p>Meta Final 27) Questiona para obter informação sobre algo que lhe interessa.</p> <p>Meta Final 29) Descreve acontecimentos, narra histórias com a sequência apropriada, incluindo as principais personagens.</p> <p>Meta Final 30) Reconta narrativas ouvidas ler.</p> <p>Meta Final 31) Descreve pessoas, objetos e ações.</p> <p>Meta Final 32) Partilha informação oralmente através de frases coerentes.</p>	<p>Exploração do conto maravilhoso <i>O pequeno polegar</i></p> <p><u>Pré-leitura</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Anunciar a narração do conto <i>O pequeno polegar</i> - Perguntar ao grupo de crianças se conhecem este conto - Caso não conheçam, levar as crianças a formular hipóteses sobre: <ul style="list-style-type: none"> • A personagem principal do conto (<i>Quem será a personagem principal?</i>) • As aventuras que esta vai viver (<i>O que lhe vai acontecer?</i>) <p><u>Leitura</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Feita em voz alta pela educadora <ul style="list-style-type: none"> • Parando em momentos importantes • Fazendo perguntas sobre as atitudes das personagens (incluindo as mais velhas) 	10h-11h	<p>Livro infantojuvenil <i>O pequeno polegar</i></p> <p>Grimm, J., Grimm, W. (1989). <i>Contos de sempre – O pequeno polegar</i>. Porto: Edinter.</p>

	<p>Meta Final 34) Alarga o capital lexical, explorando o som e o significado de novas palavras.</p> <p>Meta Final 35) Usa nos diálogos palavras que aprendeu recentemente.</p>	<p><u>Pós-leitura</u></p> <p>Nas mesas, as crianças criam fantoches relativos às personagens do conto</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desenhando a personagem - Fixando-a com fita cola numa palhinha 		<p>Folhas brancas</p> <p>Lápis de cor</p> <p>Fita cola</p> <p>Palhinhas</p>
Expressões	<p>Domínio: Expressão Plástica - Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Comunicação</p> <p><u>Subdomínio: Produção e Criação</u></p> <p>Meta Final 1) Representa vivências individuais, temas, histórias, paisagens entre outros, através de vários meios de expressão (pintura, desenho, colagem, modelagem, entre outros meios expressivos).</p> <p>Domínio: Expressão Dramática/Teatro-Apropriação da Linguagem Elementar da Expressão Dramática</p> <p><u>Subdomínio: Experimentação e Criação/Fruição e Análise</u></p> <p>Meta Final 20) Participa em práticas de faz-de-conta, espontâneas e estruturadas, e de representação, distinguindo e nomeando diferentes técnicas de representação: teatro de</p>	<p>Dramatização do conto com fantoches</p> <p>Recorrendo aos fantoches criados, as crianças vão dramatizar o conto explorado, de forma a fazer o seu reconto</p> <p>Diálogo de reflexão sobre os comportamentos certos e errados das personagens do conto umas para com as outras</p> <p><u>Nota:</u> No fim do dia, pedir às crianças para pensarem com os pais em contos em que pessoas mais velhas maltratam crianças para narrarem no dia seguinte.</p>	14h-15h	Fantocheiro

<p>Formação Pessoal e Social</p>	<p>ator e teatro de formas animadas (teatro de sombras; teatro de objetos; teatro de marionetas – luva, dedo, varas, fios...).</p> <p>Domínio: Convivência Democrática/Cidadania Meta Final 25) Perante opiniões e perspectivas diferentes da sua, escuta, questiona e argumenta, procurando chegar a soluções ou conclusões negociadas. Meta Final 26) Manifesta respeito pelas necessidades, sentimentos, opiniões culturas e valores dos outros (crianças e adultos), esperando que respeitem os seus.</p> <p>Domínio: Solidariedade/Respeito pela Diferença Meta Final 29) Reconhece a diversidade de características e hábitos de outras pessoas e grupos, manifestando respeito por crianças e adultos, independentemente de diferenças físicas, de capacidades, de género, etnia, cultura, religião ou outras.</p>			
---	--	--	--	--

	<p>Meta Final 30) Reconhece que as diferenças contribuem para o enriquecimento da vida em sociedade, identificando esses contributos em situações do quotidiano.</p> <p>Meta Final 32) Identifica no seu contexto social (grupo, comunidade) algumas formas de injustiça e discriminação, (por motivos de etnia, género, estatuto social, de incapacidade ou outras), propondo ou reconhecendo formas de as resolver ou minorar.</p>			
--	--	--	--	--

4ª Sessão (cont.)

4.ª FEIRA – 9 de maio de 2018				
ÁREAS	METAS DE APRENDIZAGEM	ESTRATÉGIAS/ATIVIDADES DESCRIÇÃO DA SESSÃO	TEMPO	RECURSOS
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	<p>No final da educação pré-escolar, a criança:</p> <p>Domínio: Compreensão de Discursos Orais e Interação Verbal</p> <p>Meta Final 26) Faz perguntas e responde, demonstrando que compreendeu a informação transmitida oralmente.</p> <p>Meta Final 27) Questiona para obter informação sobre algo que lhe interessa.</p> <p>Meta Final 29) Descreve acontecimentos, narra histórias com a sequência apropriada, incluindo as principais personagens.</p> <p>Meta Final 30) Reconta narrativas ouvidas ler.</p> <p>Meta Final 31) Descreve pessoas, objetos e ações.</p> <p>Meta Final 32) Partilha informação oralmente através de frases coerentes.</p> <p>Meta Final 34) Alarga o capital lexical, explorando o som e o significado de novas palavras.</p> <p>Meta Final 35) Usa nos diálogos palavras que aprendeu recentemente.</p>	<p>Apresentação dos contos recolhidos em casa</p> <p>- Cada criança apresenta ao grupo o conto que os pais lhe narraram</p> <p>- No fim de cada narração:</p> <ul style="list-style-type: none"> • O público (infantil e adulto) faz perguntas ao narrador para esclarecer dúvidas • Avalia a prestação usando um código binário (verde – bom; vermelho – mau) 	10h-11h	Placas de avaliação

<p>Expressões</p>	<p>Domínio: Expressão Plástica - Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Comunicação <u>Subdomínio: Produção e Criação</u> Meta Final 1) Representa vivências individuais, temas, histórias, paisagens entre outros, através de vários meios de expressão (pintura, desenho, colagem, modelagem, entre outros meios expressivos).</p>	<p>Continuação da Construção da manta das recordações - Cada criança desenha numa folha o que para si é uma relação ideal entre crianças e adultos/idosos</p>	<p>Folhas brancas Lápis de cor</p>
<p>Linguagem Oral e Abordagem à escrita</p>	<p>Domínio: Conhecimento das Convenções Gráficas Meta Final 16) Sabe que a escrita e os desenhos transmitem informação. Meta Final 19) Atribui significado à escrita em contexto. Domínio: Compreensão de Discursos Orais e Interação Verbal Meta Final 26) Faz perguntas e responde, demonstrando que compreendeu a informação transmitida oralmente. Meta Final 27) Questiona para obter informação sobre algo que lhe interessa.</p>		

5ª Sessão

2.ª FEIRA – 21 de maio de 2018				
ÁREAS	METAS DE APRENDIZAGEM	ESTRATÉGIAS/ATIVIDADES DESCRIÇÃO DA SESSÃO	TEMPO	RECURSOS
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	<p>No final da educação pré-escolar, a criança:</p> <p>Domínio: Compreensão de Discursos Oraís e Interação Verbal</p> <p>Meta Final 26) Faz perguntas e responde, demonstrando que compreendeu a informação transmitida oralmente.</p> <p>Meta Final 27) Questiona para obter informação sobre algo que lhe interessa.</p> <p>Meta Final 28) Relata e recria experiências e papéis.</p> <p>Meta Final 31) Descreve pessoas, objetos e ações.</p> <p>Meta Final 32) Partilha informação oralmente através de frases coerentes.</p> <p>Meta Final 34) Alarga o capital lexical, explorando o som e o significado de novas palavras.</p>	<p>Atividade de apresentação das pessoas mais velhas da família</p> <p>- As crianças trazem de casa imagens de algumas pessoas mais velhas da família e apresentam-nas oralmente ao grupo</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Indicar quem é</i> • <i>Explicitar a relação familiar</i> • <i>Descrever a/as pessoa/as</i> • <i>Descrever as atividades que realizam juntas</i> <p>- As restantes crianças comentam a apresentação do colega</p>	10h-11h	Fotos das pessoas mais velhas da família (cada criança traz, pelo menos, uma)

Formação Pessoal e Social	<p>Meta Final 35) Usa nos diálogos palavras que aprendeu recentemente.</p> <p>Domínio: Identidade/Autoestima</p> <p>Meta Final 1) Identifica as suas características individuais, manifestando um sentimento positivo de identidade e tendo consciência de algumas das suas capacidades e dificuldades.</p> <p>Meta Final 2) Reconhece laços de pertença a diferentes grupos (família, escola, comunidade entre outros) que constituem elementos da sua identidade cultural e social.</p> <p>Meta Final 3) Expressa as suas necessidades, emoções e sentimentos de forma adequada.</p> <p>Domínio: Independência/Autonomia</p> <p>Meta Final 7) Encarrega-se das tarefas que se comprometeu a realizar e executa-as de forma autónoma.</p> <p>Meta Final 9) Demonstra empenho nas atividades que realiza (por iniciativa própria ou propostas pelo educador), concluindo o que foi</p>			
--	--	--	--	--

	<p>decidido fazer e procurando fazê-lo com cuidado.</p> <p>Domínio: Cooperação</p> <p>Meta Final 17) Dá oportunidade aos outros de intervirem nas conversas e jogos e espera a sua vez para intervir.</p>			
Expressões	<p>Domínio: Expressão Plástica - Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Comunicação</p> <p><u>Subdomínio: Produção e Criação</u></p> <p>Meta Final 2) Experimenta criar objetos, cenas reais ou imaginadas, em formato tridimensional, utilizando materiais de diferentes texturas, formas e volumes.</p> <p>Domínio: Expressão Plástica – Apropriação da Linguagem Elementar das Artes</p> <p><u>Subdomínio: Fruição e Contemplação/Produção e Criação</u></p> <p>Meta Final 5) Produz composições plásticas a partir de temas reais ou imaginados, utilizando os elementos da comunicação visual em conjunto ou de per si.</p>	<p>Atividade de <i>Construção da manta das recordações - final</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - São colocados todos os retalhos de tecidos, que foram elaborados pelas crianças ao longo das sessões, em cima da mesa - À vez, as crianças cosem os retalhos uns aos outros, passando um fio. - Por fim, todas as crianças escrevem o seu nome num pedaço da manta (assumindo-se como autoras da <i>manta das recordações</i>) 		<p>Retalhos da manta</p> <p>Fio</p> <p>Marcadores</p>

Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	Domínio: Compreensão de Discursos Orais e Interação Verbal Meta Final 26) Faz perguntas e responde, demonstrando que compreendeu a informação transmitida oralmente. Meta Final 27) Questiona para obter informação sobre algo que lhe interessa. Meta Final 28) Relata e recria experiências e papéis. Meta Final 30) Reconta narrativas ouvidas ler. Meta Final 31) Descreve pessoas, objetos e ações. Meta Final 32) Partilha informação oralmente através de frases coerentes. Meta Final 34) Alarga o capital lexical, explorando o som e o significado de novas palavras. Meta Final 35) Usa nos diálogos palavras que aprendeu recentemente.	Recordação do álbum infantojuvenil explorado A Manta - Diálogo com as crianças sobre o álbum, de forma a que elas elaborem um resumo da história <ul style="list-style-type: none"> • <i>Como se chama a história?</i> • <i>O que acontece na história?</i> • <i>Quais são as personagens?</i> • <i>A avó tem um papel importante na história? Porque?</i> - O resumo feito pelas crianças, oralmente, é registado por um dos adultos da sala Atividade “Lembras-te como foi?” - Análise da <i>Manta</i> relembrando as sessões anteriores, fazendo uma pequena reflexão <ul style="list-style-type: none"> • <i>Lembram-se de todas as sessões?</i> • <i>O que aprenderam em cada uma?</i> 	14h-15h	<i>Manta das recordações</i> Martins, I. (2010). <i>A manta, uma história aos quadrinhos (de tecido)</i> . Portugal: Planeta Tangerina.
---	--	--	---------	--

Formação Pessoal e Social	<p>Domínio: Identidade/Autoestima Meta Final 1) Identifica as suas características individuais, manifestando um sentimento positivo de identidade e tendo consciência de algumas das suas capacidades e dificuldades.</p> <p>Meta Final 3) Expressa as suas necessidades, emoções e sentimentos de forma adequada.</p> <p>Domínio: Independência/Autonomia Meta Final 13) Manifesta as suas opiniões, preferências e apreciações críticas, indicando alguns critérios ou razões que as justificam.</p> <p>Meta Final 14) Expressa as suas ideias, para criar e recriar atividades, materiais e situações do quotidiano e para encontrar novas soluções para problemas que se colocam (na vida do grupo, na aprendizagem), com recurso a diferentes tipos de linguagem (corporal, oral, escrita, matemática e gráfica.).</p> <p>Domínio: Cooperação Meta Final 17) Dá oportunidade aos outros de intervirem nas conversas e jogos e espera a sua vez para intervir.</p>			
----------------------------------	--	--	--	--

	Meta Final 22) Avalia, apreciando criticamente, os seus comportamentos, ações e trabalhos e os dos colegas, dando e pedindo sugestões para melhorar.			
--	--	--	--	--

Anexo 2 – Materiais das sessões

1ª Sessão

Fotos dos avós da estagiária



Álbum infantojuvenil *A manta – uma história aos quadrinhos (de tecido)*



2ª Sessão

Imagens alusivas a comportamentos de crianças para com idosos – *Jogo Certo ou Errado*

Figura 1



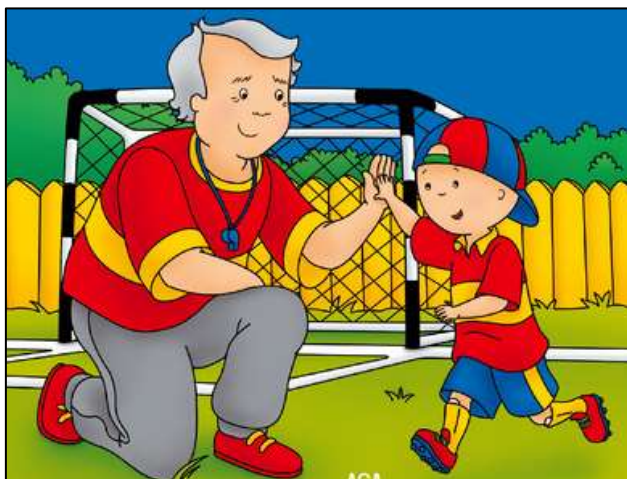
Figura 2



Figura 3



Figura 4



3ª Sessão

Imagens apresentando comportamentos corretos e incorretos de adultos para com crianças:

Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4



4ª Sessão

Livro infantojuvenil *O pequeno polegar*:



Anexo 3 – Fotografias das sessões





